



# A evolução criadora, de Henri Bergson

## Sua atualidade cem anos depois

### Editorial

No ano em que se comemora o centenário de publicação de *A evolução criadora* (Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971), indiscutivelmente a obra de maior impacto do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), a *IHU On-Line* propõe-se a discutir e analisar seu legado.

Ao examinar as idéias de Bergson sobre o cinema, o argentino **Adrián Cangi** (Universidade de Buenos Aires) diz que, “em certo sentido, o mito da caverna exposto em *A república*, como tensão entre a idéia e o simulacro, pensada como projeção indireta, está no fundo da imagem dogmática do pensamento que Bergson critica”. No ponto de vista da filósofa brasileira **Débora Morato**, da Universidade Federal de São Carlos, “em *A evolução criadora*, Bergson defende que a função do intelecto é adaptativa e assim naturaliza a inteligência”, e completa: “Para viver, é preciso recortar o real em função das nossas necessidades”.

Na opinião do filósofo francês **Eric Lecerf**, da Universidade de Paris VIII, uma das proposições mais importantes contidas em *A evolução criadora* é “desvendar a consciência que nos habita”, o que “nos conduz, desta forma, a atingir um conhecimento verdadeiro do ser vivo”. O também francês **Pierre Montebello** da Universidade de Mirail, Toulouse, saúda a filosofia bergsoniana como uma filosofia do futuro: “Bergson faz-nos entrever nossa participação num movimento criador do universo, do qual nós não somos nem a origem nem o fim. Esta idéia de um universo aberto, criador, que em nada corresponde àquele que a metafísica grega ou clássica descreveu, exerce hoje uma grande influência. O bergsonismo é uma filosofia do futuro, do tempo, da transformação”.

Completando as ponderações de nosso tema de capa, colaboraram, ainda, as filósofas **Paola Marrati**, da Universidade John Hopkins, italiana de nascimento e radicada em Baltimore, EUA, e a brasileira **Maria Cristina Franco Ferraz**, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Ana Maria Bianchi**, professora da USP, discute o pensamento de Albert Hirschman. Ela apresentará e debaterá, nesta semana, no IHU, o livro *As paixões e os interesses*, de Hirschman. Por sua vez, **Afonso Maria Ligorio Soares**, presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, debate os rumos da Teologia no Brasil, hoje.

*Santiago*, de João Moreira Salles, é o filme da semana. A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 06 | Eric Lecerf: Desvendar a consciência que nos habita

PÁGINA 10 | Maria Cristina Franco Ferraz: *Matéria e memória*, uma obra-prima

PÁGINA 13 | Paola Marrati: Uma teoria do conhecimento é inseparável de uma teoria da vida: o antianticismo de Bergson

PÁGINA 17 | Pierre Montebello: Bergsonismo, uma filosofia do futuro, do tempo, da transformação

PÁGINA 22 | Débora Morato: Recortar o real em função das nossas necessidades: condição para a vida

PÁGINA 28 | Adrián Cangi: A crítica bergsoniana ao cinema

### B. Destaques da semana

» Entrevista da semana

PÁGINA 34 | Marco Antonio Trierweiler: Barragens: energia para quê e para quem?

» Teologia Pública

PÁGINA 38 | Afonso Maria Ligorio Soares: Para onde vamos? Os rumos da Teologia hoje

» Filme da semana

PÁGINA 41 | *Santiago*, de João Moreira Salles

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 44 | Destaques On-Line

PÁGINA 46 | Frases da Semana

### C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 50 | Ana Maria Bianchi: Qual o potencial econômico da América Latina? O pensamento de Albert Hirschman

PÁGINA 53 | José Hildebrando Dacanal: Literatura e História: dois caminhos para contar a história do Rio Grande do Sul

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 56 | Sônia Gomes Chaves

PÁGINA 59 | Sala de Leitura

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 60 | Maura Corcini Lopes



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Henri Bergson (1859-1941)



Henri Bergson (1859-1941) nasceu em Paris, filho de mãe inglesa e pai judeu-polonês, e cresceu tendo o francês como língua materna. Passou sua vida ativa como professor universitário de filosofia, mas era um escritor tão cativante que foi lido

amplamente e teve influência fora das universidades. Em 1927, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Entre seus livros mais conhecidos, estão *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), *Matéria e Memória* (1896) e *A evolução criadora* (1907). Nos últimos anos de vida, seu pensamento tomou um rumo religioso, e é possível que tenha sido recebido na Igreja Católica romana pouco antes de morrer; se assim foi, o ato foi deliberadamente protelado e mantido em segredo, porque não queria parecer estar abandonando os judeus enquanto estavam sendo perseguidos pelos nazistas e enquanto a França estava sob ocupação alemã.

### “Elã vital”

Bergson acreditava que os seres humanos devem ser explicados primordialmente em termos do processo evolutivo. Parecia-lhe que, desde o início, a função dos sentidos nos organismos vivos tem sido não fornecer ao organismo “representações” de seu ambiente, mas estimular reações de caráter preservador da vida. Em primeiro lugar, os órgãos sensoriais; em seguida, o sistema nervoso central, e, depois, a mente desenvolveram-se durante eras incontáveis como parte do equipamento do organismo para a sobrevivência, e sempre como auxiliares do comportamento; e até hoje

aquilo que nos fornecem não são pinturas objetivas do nosso ambiente, mas mensagens que nos levam a nos comportar de determinada maneira. Nossa concepção de nosso ambiente não é nada parecida com um conjunto de fotografias detalhadas: ela é altamente seletiva, sempre pragmática, e sempre a serviço de si mesma. Damos atenção quase exclusiva àquilo que importa para nós, e a concepção que formamos de nosso ambiente de constrói em termos de nossos interesses, sendo o mais premente deles nossa própria segurança. Apenas quando se percebe isso é que a verdadeira natureza do conhecimento humano para ser entendida.

Quanto à evolução, Bergson acreditava que os processos mecânicos de seleção aleatória são inadequados para explicar o que acontece. Parece haver algum tipo de impulso persistente rumo a uma maior individualidade e todavia, ao mesmo tempo, maior complexidade, apesar de ambas sempre implicarem uma crescente vulnerabilidade e risco. A esse impulso Bergson deu o nome de “elã vital”, que podemos traduzir por “impulso vital”.

Bergson acredita que, dado que tudo está mudando o tempo todo, o fluxo do tempo é fundamental a toda realidade. Nós realmente vivenciamos esse fluxo dentro de nós mesmos da maneira mais direta e imediata, não por meio de conceitos, e não por meio de nossos sentidos. Bergson chama esse tipo de conhecimento não-mediado de “intuição”. Ele acredita que também temos conhecimento intuitivo a respeito de nossas decisões de agir, portanto conhecimento imediato de nossa própria posse do livre-arbítrio. No entanto, esse conhecimento imediato da natureza íntima das coisas é bastante diferente em caráter do conhecimento que nosso intelecto nos dá do mundo externo a nós mesmos.

### A realidade flui

O que nosso intelecto nos fornece são sempre os materiais exigidos para a ação, e o que queremos é poder prever e controlar os eventos, por isso nosso intelecto nos apresenta um mundo que podemos apreender e usar, um mundo repartido em unidade manejáveis, objetos separados em medidas delimitadas de espaço e também em medidas delimitadas de tempo. É o mundo dos afazeres e negócios diários, do senso comum, e também da ciência. Sua extraordinária utilidade para nós se exhibe nos triunfos da moderna tecnologia. Mas tudo isso é um produto de nossa maneira de lidar com o mundo, exatamente da mesma maneira (e pelo mesmo tipo de razão) como um cartógrafo representará uma paisagem viva em termos de uma grade geométrica quadriculada. Isso é inegavelmente útil, prodigiosamente útil, e nos permite fazer toda sorte de coisas práticas que queremos; mas não nos mostra a realidade. A realidade é um *continuum*. No tempo real não existem instantes. O tempo real é um fluxo contínuo, sem unidades separáveis, não delimitado por extensões mensuráveis. O mesmo com o espaço: no espaço real não há pontos, nem lugares separados e específicos. Tudo isso são mecanismos da mente.

### Ser e tempo

Assim, vivemos simultaneamente em dois mundos. No mundo íntimo de nosso conhecimento imediato tudo é *continuum*, tudo é fluido, fluxo perpétuo. No mundo externo apresentado a nós por nossos intelectos há objetos separados ocupando determinadas posições no espaço por períodos mensuráveis de tempo. Mas, é claro, esse tempo externo, o tempo dos relógios e do cálculo, é um construto intelectual, e não é de modo algum o mesmo tempo “real” de cujo fluxo contínuo temos experiência íntima direta.

No ponto culminante de sua filosofia, Bergson identifica esse fluxo de tempo vivenciado internamente

com a vida mesma e com o impulso vital, o *elã vital* que leva o processo da evolução constantemente para a frente. Lembraremos que a filosofia de Heidegger também culminava na identificação de ser e tempo, embora os dois filósofos tenham chegado à mesma conclusão independentemente e de pontos de partida completamente diferentes.

Em sua própria época, Bergson teve alguns críticos eminentes entre seus contemporâneos, como Bertrand Russell<sup>1</sup>. A principal queixa deles era que Bergson, embora tornasse suas idéias atraentes com vívidas analogias e metáforas poéticas, não as sustentava muito com argumentos racionais. Confiava-os à intuição dos leitores. Além disso, queixavam-se seus críticos, suas idéias não resistiam muito bem à análise lógica. Seus defensores replicavam dizendo que ele possuía todas essas características em comum com os mais criativos escritores, e assim era porque estava oferecendo *insights*, mais do que argumentos lógicos. Em todo caso, é certo que seu pensamento teve apelo amplo e permanece como um elemento distintivo da filosofia do século XX.

Fonte: MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

---

<sup>1</sup> Bertrand Arthur William Russell (1872-1970): considerado um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

## Desvendar a consciência que nos habita

ENTREVISTA COM ERIC LECERF

*Na opinião do filósofo francês Eric Lecerf, uma das proposições mais importantes contidas em A evolução criadora, obra que neste ano completa um centenário de lançamento, é o convite a “desvendar a consciência que nos habita” Para Lecerf, “isso nos conduz, desta forma, a atingir um conhecimento verdadeiro do ser vivo, pois nossa consciência procede de uma intenção da vida, por ser da mesma um desdobramento, da qual a intelectualidade nada saberia dizer pela simples razão de que ela é uma expressão da mesma entre outras, ou antes, para retomar Bergson, uma orientação de uma tendência. Trata-se de uma virada radical no seio da filosofia: conhecer o vivente implica um conhecimento interior, uma experiência de si que encontra na intimidade da percepção o que é o absoluto de um movimento incessante, no qual a vida encontra toda a sua substância”. Confira a seguir a íntegra da entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Lecerf é professor de Filosofia na Universidade Paris VIII, Saint-Denis e autor de inúmeros livros, entre os quais Le sujet du chômage (Paris, Budapest, Torino: Harmattan, 2002) e La famine des temps modernes: es sai sur le chômeur (Paris: Harmattan, 1992). Obteve diploma em História Contemporânea pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e foi diretor de programa no Collège International de Philosophie (Colégio Internacional de Filosofia). Publicou vários artigos sobre o trabalho de filósofos como Henri Bergson, Simone Weil e Georges Sorel. Lecerf concedeu entrevista, por e-mail, à IHU On-Line, publicada nos Cadernos IHU Em Formação, edição 13, intitulada Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética e encontra-se disponível para download no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). O título da entrevista é Foucault e a genealogia da modernidade.*

**IHU On-Line - No contexto da filosofia de Bergson, como se explica a valorização que ele deu à intuição, deixando a inteligência em segundo plano? Qual é a explicação filosófica para esta opção?**

Eric Lecerf - Em primeiro lugar, não me parece correto dizer que Bergson teria colocado a inteligência em segundo plano em relação à intuição. Na verdade, ele se esforçou em marcar os limites de uma inteligência

implicada pela lógica num momento em que a filosofia era compartilhada entre positivismo e irracionalismo. Bergson explica que ele próprio hesitou por muito tempo antes de utilizar o termo intuição. Em seu primeiro livro, o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, publicado em francês em 1889, a intuição como conceito só aparece nos usos correntes da filosofia clássica. Ele faz mesmo referência, nesta obra, a uma “intuição

matemática” que não corresponde em nada à intuição bergsoniana. Portanto, o que Bergson chamará mais tarde de intuição está no centro deste ensaio, mas sob a forma de um sentido particular totalmente voltado para a percepção pura e a compreensão da duração. Em *Matéria e memória*, seu segundo livro, publicado sete anos mais tarde, a intuição só aparece verdadeiramente no terceiro capítulo e é deduzida da experiência de reapreensão colocada na introdução do livro (eu nada sei da matéria, nem do corpo e do espírito... o que é que me aparece: imagens). Só é realmente em *A introdução à metafísica*, artigo publicado em 1903, que Bergson conjuga uma relação específica entre intuição e método, cujos fundamentos ontológicos ele retomará cerca de dez anos mais tarde, numa conferência intitulada “A intuição filosófica”. Seu objetivo não é o de condenar a inteligência nem mesmo rebaixá-la, mas simplesmente o de notar que a inteligência, estando interessada pela ação e levada por uma necessidade de espacializar sua duração, não pode de forma alguma tocar na essência da vida que é móvel. A inteligência constrói mundos, instrui artífices, produz sistemas, ela é uma potência ativa. Mas captar a vida implica, para Bergson, renunciar a esta potência e retomar aquele sentido íntimo, ao qual, por não dispor de um termo novo, ele dará o nome de intuição.

**IHU On-Line - De que modo as esquerdas se apropriaram do bergsonismo? Qual é o uso que elas fizeram do conceito de “elã vital”?**

Eric Lecerf - Para responder a esta questão, seria preciso estar em condições de redimensionar o que constituía, então, a paisagem política no seio da qual uma parte da esquerda apelaria ao bergsonismo. De que se trata? De modo geral, de dissidentes ou de intelectuais que levavam a peito fazer evoluir o marxismo fora dos dogmas nos quais suas determinações científicas o inscreveram. Para ser mais claro, no

momento em que uma maioria dos intelectuais de esquerda aderiu a um positivismo implicando uma série de determinismos históricos. Aqueles que se declaravam adeptos do bergsonismo procuravam precisamente defender noções de virtualidade e espontaneidade para explicar os movimentos revolucionários. Os nomes que se impõem são os de Georges Sorel<sup>2</sup>, Edouard Berth<sup>3</sup> e Charles Péguy<sup>4</sup>. Sorel ocupa efetivamente, nesta história, um lugar essencial. Autor das *Reflexões sobre a violência* (Petrópolis: Vozes, 1993), nelas ele faz explicitamente referência à conexão bergsoniana entre inteligência e intuição, para opor o socialismo teórico das seitas marxistas ao sindicalismo revolucionário. Associando o nome de Bergson aos de Proudhon<sup>5</sup> e de Vico<sup>6</sup>, ele explica que é nesta percepção intuitiva da

---

<sup>2</sup> Georges Eugène Sorel (1847-1922): francês e teórico do sindicalismo revolucionário, muito popular na França, Itália e EUA. Sua influência começou a decair depois de 1920. É um autor controverso quanto à linha política a qual adere. Suas idéias foram aceitas tanto pelo fascismo italiano quanto pelos comunistas deste país. Também influenciou os anarco-sindicalistas. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> Édouard Berth (1875-1939): teórico do sindicalismo revolucionário francês, discípulo de Georges Sorel. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> Charles Péguy (1873-1914): poeta, dramaturgo e ensaísta francês, considerado um dos principais escritores católicos modernos. Foi o fundador da revista *Cahiers de La Quinzaine* (1900-1914), na qual colaboraram muitos dos principais escritores da época. Grande defensor da causa da justiça social, foi um firme defensor do oficial francês Alfred Dreyfus. Morreu na Batalha de Marne, durante a I Guerra Mundial. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Pierre Joseph Proudhon (1809-1865): socialista e reformador francês. Publicou Ensaio de gramática geral (1837), trabalho que lhe valeu uma pensão de três anos da Academia de Besançon. Três anos depois, porém, seu livro *Que é a propriedade?* fê-lo perder a aprovação da academia. Essa obra revelava suas idéias socialistas e afirmava que “a propriedade é um roubo”. Suas atividades literárias e políticas o levaram, muitas vezes, a entrar em conflito com o governo francês. Passou vários anos na prisão e no exílio. Em 15-03-2006 o Prof. Dr. Aloísio Teixeira (UFRJ) palestrou no II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, com o título Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e o Socialismo utópico. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> Giambattista Vico (1668-1744): filósofo, historiador e jurista italiano. (Nota da *IHU On-Line*)



história que se produz o novo. As teses de Sorel terão influência particularmente importante na Itália. Antonio Gramsci<sup>7</sup> escreverá, então, um artigo em 1921, intitulado “bergsoniano!”, onde ele reivindicará a participação nesta herança. Na França, Bergson será, no entanto, objeto de críticas importantes da parte dos jovens filósofos marxistas, e notadamente da parte de Politzer (*O bergsonismo, o fim de uma impostura*) e de Paul Nizan<sup>8</sup> (*Os cães de guarda*<sup>9</sup>). As posições “patrióticas” tomadas por Bergson durante a Primeira Guerra Mundial, e depois a publicação das *As duas fontes da moral e da religião* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978), desempenharam papel determinante nessas críticas que explicam porque, em 1947, Sartre<sup>10</sup> se creia em condições de dizer que o bergsonismo era uma “filosofia ultrapassada”.

---

<sup>7</sup> Antonio Gramsci (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus Cadernos do cárcere, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da *IHU On-Line*, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> Paul Nizan (1905-1940): escritor, engajado no Partido Comunista, autor de *Os cães de guarda* (um libelo contra os intelectuais que não aceitavam o engajamento político ou se isolavam em suas torres de marfim). Decepcionado com o pacto germano-soviético, rompeu com o partido. Foi acusado de espionagem pelos ex-camaradas. Paul Nizan morreu na frente de combate: tinha apenas 35 anos de idade. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> *Les Chiens de garde* (Paris: Rieder, 1932). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

### *IHU On-Line - No contexto da Filosofia contemporânea, qual é o lugar ocupado por Bergson?*

Eric Lecerf - O nome de Gilles Deleuze<sup>11</sup> se impõe aqui, e eu poderia mesmo dizer que por vezes ele tende a ocupar todo o espaço, como se Bergson tivesse tido por principal interesse ser um “pré-deleuziano”. Mais seriamente, a leitura que fez Gilles Deleuze de Bergson é verdadeiramente muito forte. Desde 1956, ele publica dois artigos (republicados em *Iles desertes*), que permitem compreender o que Deleuze veio procurar em Bergson, a saber, um método implicando uma teoria do conhecimento que associasse o empirismo e a busca de um absoluto. Desde esses artigos, Deleuze define a filosofia como criação de conceitos e é, no entanto, em Bergson, que explica que convém para a filosofia pensar por imagens antes do que por conceitos, que ele vem procurar seus predicados teóricos. De fato, o conceito deleuziano é primeiramente derivado da imagem bergsoniana, desta imagem da qual Bergson dizia possuir três qualidades. Em primeiro lugar, ela induz uma pluralidade de sentidos lá onde o conceito procura destacar uma univocidade; em segundo lugar, ela é concreta lá onde o conceito é por essência abstrato; em terceiro lugar, sua imprecisão constrange a um exercício da atenção que se aproxima bastante da intuição, lá onde o conceito tende à expressão de uma certeza. E são estas qualidades que permitem a Deleuze situar a invenção de um novo valor do conceito como foco de indeterminação entre o que ele chama de articulações do real e de linhas de fatos; entre a coleção de qualidades

---

<sup>11</sup> Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa poderosas intersecções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da *IHU On-Line*)



que induz uma categoria e o nome etiqueta que se desdobra numa multidão de aventuras lingüísticas.

Vinte e cinco anos mais tarde, Deleuze retomará a imagem bergsoniana para pensar, desta vez, não o cinema<sup>12</sup>, mas antes as condições de possibilidade de uma filosofia na era do cinema. E é então que, seguindo um caminho inverso, Deleuze repensa uma imagem bergsoniana, inteiramente enriquecida por jogos, nos quais o conceito se desdobrou como virtualidade gramatical e existencial.

**IHU On-Line - Como pode a obra *A evolução criadora* ajudar-nos a reler e compreender a pós-modernidade em sua complexidade?**

Eric Lecerf - Eu jamais compreendi o que se poderia designar pelo termo de “pós-modernidade”. Basta, aliás, reler a introdução de *La pensée et le mouvant (O pensamento e o movente)*<sup>13</sup>, notadamente a parte intitulada “a lógica retrospectiva do verdadeiro”, para constatar até que ponto este conceito é vazio de sentido.

**IHU On-Line - Quais são as proposições filosóficas desta obra que o senhor considera as mais importantes?**

Eric Lecerf - *A evolução criadora* é um livro fascinante no seio do qual Bergson se dedica, não só a defender uma tese, mas também a ilustrar e adaptar um estilo de escritura suscetível de trazer nele essas linhas de virtualidades, pelas quais a vida se desenvolve sem cessar. Eu retomaria, pois, uma tese que me parece decisiva, isto é, sem a qual a obra de Bergson seria ilegível. Bergson nos engaja, em *A evolução criadora*, num trabalho de recompreensão da vida em nós. De que

<sup>12</sup> Sobre o tema, confira nesta edição a entrevista com Adrián Cangi, *A crítica bergsoniana ao cinema*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>13</sup> BERGSON, Henri; BACHELARD, Gaston. *Cartas, conferencias e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 514 p. (Coleção *Os Pensadores*). (Nota da IHU On-Line)

se trata? De um conhecimento psicológico de nossa personalidade? Absolutamente. Para Bergson, trata-se de bem outra coisa do que do inconsciente. Pelo contrário, o que ele nos engaja mesmo a redescobrir em nós é precisamente aquilo que ele chama de consciência. Mas de que consciência se trata? De uma consciência que perpassa todo ser vivo, que está em cada um de nós em ato e que, no mundo vegetal, permanece em posição de torpor. De uma consciência que é a vida. Desvendar a consciência que nos habita, isso nos conduz, desta forma, a atingir um conhecimento verdadeiro do ser vivo, pois nossa consciência procede de uma intenção da vida, por ser da mesma um desdobramento, da qual a intelectualidade nada saberia dizer pela simples razão de que ela é uma expressão da mesma entre outras, ou antes, para retomar Bergson, uma orientação de uma tendência. Trata-se de uma virada radical no seio da filosofia: conhecer o vivente implica um conhecimento interior, uma experiência de si que encontra na intimidade da percepção o que é o absoluto de um movimento incessante, no qual a vida encontra toda a sua substância.

**IHU On-Line - De que forma o ser humano consegue mover-se na dicotomia dos dois mundos nos quais ele vive: o do conhecimento imediato (onde tudo é “continuum”) combinado com o do tempo, concebido como construção intelectual?**

Eric Lecerf - A resposta a esta questão me parece estar em parte respondida na precedente. A verdadeira questão não é a de saber como o humano consegue mover-se, mas antes, como ele chega a crer que ele construiu uma estabilidade. Assim, poder-se-ia dizer que toda a história intelectual se declina como uma perseguição ao infinito desta busca de estabilidade. Isso é verdade na produção de instituições, bem como nesse cuidado de ordem que, mesmo quando nos damos um destino de revolucionários, configura uma parte decisiva

de nossos atos. A filosofia de Bergson não procura, de nenhum modo, afastar-nos das formas graças às quais nós tentamos congelar o movimento. Ele procura simplesmente lembrar-nos que estas formas são apenas ilusões e que o conhecimento da vida, que deve fundar toda metafísica, não saberia satisfazer-se com essas formas. Não é menos verdade que há em Bergson uma verdadeira análise daquilo que o marxismo chamará de coisificação. Em Bergson, tratar-se-á antes de um tornar-se autômato, do repetitivo que tende a rejeitar toda intrusão do inédito. De fato, como o mostra Deleuze em *Diferença e repetição* (2 ed.: São Paulo: Graal, 2006), mesmo lá onde tudo parece congelado, o movimento se

insere na própria repetição como elemento de diferenciação. Em Bergson, encontra-se isso efetivamente, mas sem esse otimismo desesperado que caracteriza a filosofia de Deleuze. De fato, ninguém escapa à vida, afora aquele que a teoriza. Dito de outra forma, se há um autômato absoluto em Bergson, este não é o operário que trabalha em série, mas o filósofo que crê que a vida seja uma questão de leis e de sistemas lógicos.

## Matéria e memória, uma obra-prima

ENTREVISTA COM MARIA CRISTINA FRANCO FERRAZ

*“Matéria e memória, publicado em 1896, corresponde, a meu ver, a uma obra-prima, não apenas por conta da potência dos conceitos criados, mas igualmente pelo vigor, inteligência e generosidade de um pensamento verdadeiramente em movimento, capaz de manter-se vivo e produtivo a cada nova leitura, mesmo passado mais de um século”. A opinião é de Maria Cristina Franco Ferraz, em entrevista concedida por e-mail, com exclusividade à IHU On-Line. Diretamente de Berlim, Alemanha, onde estava quando conversou com a equipe de nossa revista, Ferraz mencionou que “uma das grandes contribuições de Matéria e memória para o pensamento contemporâneo diz respeito ao estatuto atribuído à virtualidade”. Ela é docente na Universidade Federal Fluminense (UFF).*

*Franco Ferraz é graduada em Letras Português Literatura e em Didática Especial de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É mestre em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e em Filosofia, pela Sorbonne, França, com a dissertação *Ecce Homo, de Nietzsche: Autobiographie, le propre et les masques*. Nessa mesma instituição, cursou doutorado em Filosofia com a tese *Ecce Homo (L'autobiographie de F. Nietzsche): tragédie, parodie et sacrifice dionysiaque*. É pós-doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pelo Instituto Max-Planck de História da Ciência e pelo Zentrum für Literatur und Kulturforschung Berlin, Alemanha. De sua produção bibliográfica, citamos *Nietzsche: o bufão dos deuses (Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994)*; *Nove variações sobre temas nietzschianos (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002)*; e *A psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência, de Adriano Amaral de Aguiar (Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004)*.*

***IHU On-Line - Quais foram as maiores descobertas e inovações que Bergson propõe em Matéria e Memória?***

**Maria Cristina Franco Ferraz** - Matéria e memória, publicado em 1896, corresponde, a meu ver, a uma obra-prima, não apenas por conta da potência dos conceitos criados, mas igualmente pelo vigor, inteligência e generosidade de um pensamento verdadeiramente em movimento, capaz de manter-se vivo e produtivo a cada nova leitura, mesmo passado mais de um século. Na brevidade de uma entrevista, a resposta à pergunta proposta pode ser no máximo alusiva. Nesse sentido, gostaria de chamar a atenção, inicialmente, não apenas para a construção de conceitos radicalmente novos (como o de imagem e de memória), em um duplo gesto que envolve também a discussão precisa e aprofundada das perspectivas das quais Bergson se afasta. Em primeiro lugar, investigando as premissas comuns presentes nas duas correntes aparentemente antagônicas então predominantes, no que diz respeito à percepção - idealismo subjetivista e realismo materialista -, Bergson perspicazmente mostra de que modo as duas de fato se aproximam e, passando “por trás” de ambas, constitui um novo solo a partir do qual não mais serão respondidas as mesmas questões, mas o próprio problema da relação interioridade/exterioridade será recolocado (e ultrapassado). De fato, ambas as correntes supõem certas visadas comuns: por exemplo, o vínculo entre percepção, representação e especulação, bem como a cisão (tornada irremediável) entre “eu” e “mundo”. Como Bergson demonstra, nas duas visões concorrentes, tudo o que vemos não passaria de “alucinações verdadeiras”. Ao postular uma relação de grau, e não de natureza, entre percepção e matéria, Bergson já coloca nossa percepção nas coisas, que nada mais seriam do que imagens de nossa ação (e não contemplação) possível. Entre matéria, entendida como um conjunto de imagens interligadas e interdependentes, e percepção (certas

imagens que se “revelam” em função de nossa “atenção à vida”, promessas e ameaças que nos cercam), haveria assim uma diferença de grau, isto é: perceberíamos de fato a matéria, mas não em sua totalidade.

Perceberíamos uma parte da matéria, o que permite afirmar que nossa percepção está nas coisas. Como se pode observar, na contramão de uma longa tradição filosófica, imagem passa a se confundir com o que é, com a matéria, o que também configura uma nova noção de matéria, afinada com certas visadas da física de sua época. Como Bergson enfatiza, a ciência seria capaz, tal como o pensamento apto a se afastar das (bem-vindas e necessárias) ilusões que nos permitem agir no mundo, de alcançar uma intuição imediata do real, para além da curva em que ele se inverte para constituir uma experiência humana. Portanto, não são apenas os conceitos de percepção, matéria e memória que emprestam grandeza à obra (que pensa o movimento e efetua um pensamento movente), mas a alteração do próprio movimento do pensamento, para além do humano (demasiado humano), curiosamente aproximável de novas perspectivas científicas sobre a matéria bem como do trabalho artístico sobre a percepção e a memória que marca a o final do século XIX e o limiar do século XX (de Cézanne<sup>14</sup> a Proust<sup>15</sup>).

***IHU On-Line - No contexto da filosofia contemporânea, qual é a importância dessa obra?***

**Maria Cristina Franco Ferraz** - Uma das grandes contribuições de Matéria e memória para o pensamento contemporâneo me parece dizer respeito ao estatuto atribuído à virtualidade. A ênfase no virtual - tratado como “real sem ser atual”-, de grandes implicações filosóficas, existenciais e políticas, desfaz a crença em

<sup>14</sup> Paul Cézanne (1839-1906): pintor francês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922): escritor francês. (Nota da *IHU On-Line*)

meros estados de coisas fixados, ressalta a movência e abertura de tudo o que há. O real deixa de se confundir com o “visível” e passa a ser pensado como contendo uma grande parcela de virtualidade. Em meu trabalho com a obra, tenho enfatizado, em geral, dois desdobramentos do tema da virtualidade. Por um lado, a partir das reflexões do filósofo português José Gil sobre dança e corpo, retomando o tema bergsoniano do “movimento total” do corpo, buscado e reativado, como mostra Gil, em certas experiências coreográficas contemporâneas. O movimento imparável do corpo, suas tensões mesmo para manter-se aparentemente “parado”, requerem o conceito de virtualidade para revelar-se como tal. Ao mesmo tempo, a ênfase na realidade do virtual altera a própria reflexão sobre a comunicabilidade, uma vez que um corpo em movimento se desdobra em espectros virtuais que nunca “mentem”. Afinal, conforme afirma genialmente Bergson, ao trabalhar o exemplo da aprendizagem por repetição de um movimento, o corpo não comporta “subentendidos”.

Por outro lado, e em um sentido talvez mais evidente na obra, a ênfase bergsoniana na virtualidade permite não apenas construir um novo sentido para “memória” (ligada à temporalidade, à “duração”) como também para redimensionar seu vínculo (hoje tão enfatizado pelas neurociências) com o cérebro, órgão não de armazenamento de lembranças, mas sobretudo de sua “suspensão” na virtualidade, ou seja, seu “esquecimento”. Em uma época em que se disseminam, nos diversos meios de comunicação de massa, novas “descobertas” sobre o cérebro e se tende a reduzir cada vez mais amplamente o fenômeno da memória à esfera bioquímica do corpo (neurônios, sinapses, hormônios), a reflexão bergsoniana sobre a memória não apenas estabelece uma plataforma crítica para se pensar as implicações da consolidação dessas novas “verdades” científicas, mas permite igualmente tematizar tanto seu papel crítico em sua época quanto o sentido da atual

“desespiritualização” do curioso e rico fenômeno humano da memória.

#### ***IHU On-Line - Que pontos de proximidade e distanciamento esse filósofo faz entre matéria e memória?***

**Maria Cristina Franco Ferraz** - Trata-se, nesse caso, de uma distinção forte, de natureza, estabelecida por Bergson entre matéria, de um lado, e memória/espírito de outro. Só a partir dessa distinção de natureza é que Bergson pôde ultrapassar as falaciosas e falsas questões identificadas nas perspectivas presentes tanto na tradição filosófica quanto implicadas nas concepções científicas de sua época. Creio que essa questão pode ser mais bem esclarecida se articulada à que se segue.

#### ***IHU On-Line - Até que ponto essas proposições da filosofia bergsoniana aprofundam o dualismo corpo e mente?***

**Maria Cristina Franco Ferraz** - Trata-se sim de dualismo, mas Bergson nos leva a pensar que talvez nem todo dualismo se equivalha. Curiosamente, creio que essa questão mesma - em toda a sua legitimidade e inflexão contemporânea - não deixa de também sinalizar uma suspeita cara à contemporaneidade e por vezes caricaturalmente expressa no horror “pós-moderno” a toda e qualquer forma de dicotomização. Nesse sentido, aproximar-se de Bergson requer uma delicadeza e sutileza maior do pensamento, aptas a nos tornar, também nós leitores contemporâneos, de algum modo aproximados da “extemporaneidade” da obra. Como se trata de um dualismo erigido em um novo solo, os pólos da oposição corpo/mente não me parecem poder ser facilmente “superponíveis”, redutíveis ao dualismo matéria/memória introduzido por Bergson, que, de modo explícito, procurou repensar exatamente o vínculo entre matéria e algo que, sendo de uma natureza diversa, ele chamou de memória. Ora, o vínculo só poderia ser

pensado mantendo-se a distinção de natureza entre os dois elementos. Mas esta seria apenas uma explicação “lógica”, dizendo respeito à mera (e impressionante) coerência do pensamento de Bergson. Quando matéria passa a ser entendida como um conjunto de imagens interligadas, a percepção como estando “nas coisas”, o corpo como funcionando na tensão entre esquecimento e memória - pensadas através do mecanismo da virtualização/atualização -, memória e matéria pensadas em termos de temporalidade, parece-me que o novo dualismo introduzido, além de não se reduzir a uma nova roupagem para velhos dualismos, introduz vigorosas

novas abordagens. Mas, evidentemente (e isso está expresso desde o subtítulo da obra), Bergson está dialogando com uma longa tradição, que renova, por assim dizer, “por dentro” - o que está longe de ser pouco. A meu ver, deixar-se levar pela aversão contemporânea às dicotomias seria não um “erro”, mas, pior do que isso, uma grande desvantagem, na medida em que nos faria passar ao largo da riqueza da obra, levando a que se deixe de integrar (gesto tão bergsoniano) o que Matéria e memória nos permite pensar e discutir hoje.

## Uma teoria do conhecimento é inseparável de uma teoria da vida: o antikantismo de Bergson

ENTREVISTA COM PAOLA MARRATI

*Para a filósofa italiana Paola Marrati, “ainda mais importante para nossos debates é a idéia-mestre de Bergson de que não há vão, deixadas de lado quaisquer oposições, entre vida e conceitos, entre processos biológicos e processos cognitivos”. A declaração pode ser conferida na íntegra na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Desde janeiro de 2003, Marrati é professora no Centro de Humanidades do Departamento de Filosofia na Universidade John Hopkins, em Baltimore, Estados Unidos. Imediatamente antes desse período, lecionava Filosofia da Arte e Cultura no Departamento de Filosofia da Universidade de Amsterdã. Na John Hopkins dirige o programa para o estudo da mulher, gênero e sexualidade, e é membro do Advisory Board of the Film and Media Studies Program. É, também, diretora do programa de pesquisa do Colégio Internacional de Filosofia, de Paris.*

*É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea, pela Università degli Studi di Pisa, Itália. Recebeu seu diploma d'Etudes Approfondies na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, e seu PhD em Filosofia na Universidade Marc Bloch, em Estrasburgo, França. Escreveu, entre outras obras, Gilles Deleuze. Cinéma et philosophie (Presses Universitaires de France, 2003) e Genesis and trace. Derrida reader of Husserl and Heidegger (Stanford: Stanford University Press, 2005). Está prestes a ser publicado o livro The event and the ordinary: on the philosophy of Gilles Deleuze and Stanley Cavell.*

### ***IHU On-Line* - Qual é a atualidade da obra *A evolução criadora*, 100 anos após seu lançamento?**

**Paola Marrati** - Em *A evolução criadora*, como em seus outros trabalhos, Henri Bergson (1859-1941) engaja-se em uma séria e bem informada discussão sobre teorias científicas e descobertas de seu tempo e, particularmente, seu conhecimento de diferentes desenvolvimentos na teoria evolucionista depois de Darwin<sup>16</sup>. Não é necessário dizer que, um século mais tarde, as idéias de Darwin sobre evolução foram desenvolvidas e refinadas; particularmente, a descoberta do DNA e mecanismos genéticos de evolução modificaram profundamente nosso entendimento dos processos evolutivos. Apesar disso, os principais *insights* de Darwin não foram desafiados e em consideração a isso muita da análise filosófica de Bergson é pertinente ainda hoje. Ainda mais importante para nossos debates, na minha opinião, é a idéia-mestre de Bergson de que não há vazio, deixadas de lado quaisquer oposições, entre vida e conceitos, entre processos biológicos e processos cognitivos. Contrário a uma longa tradição que opõe os misteriosos e irracionais poderes da “vida” à razão e conceitualidade, Bergson lembra-nos que todas as nossas práticas cognitivas, não importa o quão abstratas, originam-se na “vida”, e essa “vida”, o que quer que seja ou signifique, é, em primeiro lugar e em todas as

---

<sup>16</sup> Charles Robert Darwin (1809-1882): Naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A origem das espécies*. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30 de novembro de 2005, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à *IHU On-Line* 166, de 28 de novembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

suas instâncias, e não apenas em sua forma humana, uma capacidade para ajustes e resolução de problemas.

### ***IHU On-Line* - Como o conceito de “elã vital” pode nos ajudar a compreender a crescente complexidade do mundo contemporâneo?**

**Paola Marrati** - O conceito de “elã vital” [impulso vital] é definido por Bergson como uma tendência para a mudança e diferenciação. As formas vitais, para Bergson, estão constantemente envolvidas de novos e imprevisíveis jeitos, conseqüentemente não podendo ser compreendidas em termos de conjuntos de propriedades estáveis e fixas. Devemos, pelo contrário, compreender a tendência específica que define uma forma de vida em seu processo inacabado de transformação e diferenciá-la de outras formas de vida.

Bergson não nos dá chaves prontas para interpretar as complexidades de nosso mundo atual, mas sua convicção de que a vida não tem essência fixa e que, pelo contrário, é uma tendência em andamento para a mudança pode ajudar-nos na tarefa difícil de analisar os desenvolvimentos contemporâneos na biociência e na biotecnologia, e avaliar as promessas, e perigos que elas nos guardam.

### ***IHU On-Line* - Em que aspectos Bergson conserva e supera traços da teoria evolutiva de Darwin?**

**Paola Marrati** - Bergson está totalmente de acordo com o principal insight da teoria de Darwin, de que a vida é um processo evolutivo que produz novas e imprevisíveis formas. Acredito que essa fundamental concordância é mais significativa que a crítica de Bergson a Darwin e ao neo-darwinismo em *A evolução criadora*. E deve-se observar que essas críticas objetivam destacar a essência temporal e mutante das formas de vida.

### ***IHU On-Line* - Partindo do pressuposto de que aquilo**



**que nossos sentidos nos fornecem não são a realidade, mas cópias seletivas desta, podemos perceber aí uma influência platônica, como aquelas imagens refletidas no fundo da caverna?**

**Paola Marrati** - De acordo com Bergson, nossa percepção consciente, assim como nossas ferramentas cognitivas e linguagem, são pragmaticamente orientadas para as necessidades de sustentar a vida e não para o conhecimento puramente desinteressado e vazio. Exatamente por essa razão, selecionamos e percebemos do campo todo da realidade o que é útil para nós. Apesar disso, isso não é dizer que nos agarramos a cópias da realidade melhor que à própria realidade, sendo isso no sentido platônico ou não. É o oposto: para Bergson, estamos em contato com a realidade como tal, mesmo se percebemos e conceitualizamos apenas seleções dela, e isso é sempre possível. Essa é a tarefa da filosofia e da ciência: dar um passo atrás das necessidades presentes no sentido de aumentar nossa experiência para além dos limites do que normalmente sabemos e percebemos dela.

**IHU On-Line - Ainda nessa linha de raciocínio, qual é a influência de Kant no pensamento bergsoniano, tendo em vista que o filósofo de Königsberg afirmava que a coisa em si é incognoscível?**

**Paola Marrati** - O projeto filosófico de Bergson é fortemente antikantiano. Como eu disse antes, Bergson vê a razão, como qualquer outra faculdade humana, como tendo suas raízes nos processos evolutivos da vida. Como animais vivos, estamos em contato com a realidade e até mesmo com o absoluto. Como ele escreve na introdução de *A evolução criadora*: “A ação não pode mover-se no irreal. Uma mente nasce para especular ou para sonhar, admito, deve permanecer fora da realidade, deve deformar ou transformar o real, talvez até criá-lo - como criamos figuras de homens e animais que nossa imaginação recorta das nuvens que passam. Mas um intelecto que dobra o ato a ser atuado e a reação que se

segue, sentindo seu objeto enquanto capta sua impressão de movimento a cada instante, é um intelecto que toca algo do absoluto” (p. 11). Melhor que a busca pelo estabelecimento de condições a priori e limites do conhecimento e razão, assumindo que “a coisa como tal” é eternamente não cognoscível por nós, Bergson chama a uma tarefa diferente. Ele acredita que uma teoria do conhecimento é inseparável de uma teoria da vida: precisamos substituir nossas ferramentas cognitivas no contexto evolutivo da vida no sentido de compreendermos como nossos esquemas conceituais foram formados, como eles evoluíram, e como eles eventualmente podem ser aumentados, abertos para além de seus limites atuais. Tal tarefa é, ao mesmo tempo, mais modesta e mais ambiciosa que a filosofia transcendental de Kant: mais modesta porque a par de que nenhuma resposta definitiva pode ser dada à questão das condições de possibilidade de conhecimento; mais ambiciosa porque sustenta que, em princípio, não há limites ao domínio daquilo que pode ser conhecido, que não estamos condenados a uma forma de conhecimento que paga suas certezas com o preço de ser um conhecimento do fenômeno diferente do conhecimento das coisas.

**IHU On-Line - Como essa seleção natural de informações nos ajuda a compreender a singularidade e irrepetibilidade das concepções do sujeito moderno?**

**Paola Marrati** - Bergson não pertence à tradição da filosofia dos sujeitos no modo cartesiano, kantiano ou husserliano. O sujeito não é o exemplo original e organizado para o qual tudo aparece, o espectador para quem o mundo é dado como um objeto de contemplação. Subjetividade, ou consciência [de algo], se você preferir, é constituída em um largo campo de experiência por um processo de seleção. Como Bergson reconhecidamente escreveu em *Matéria e memória* (1896), a percepção se torna consciência pela seleção de todos os campos de

[da] experiência que são relevantes em um dado tempo para um dado propósito. William James, em seu *Ensaio sobre o empirismo radical* (1912), experimenta um projeto parecido de descrição da formação da subjetividade em um largo campo de experiência não-subjetiva. A subjetividade é constituída em um campo de experiência que a excede: a subjetividade não é nem o ponto de partida para a filosofia e nem sua meta.

**IHU On-Line - De que forma as filosofias de Bergson e Deleuze se cruzam? O que têm em comum e no que diferem, principalmente?**

**Paola Marrati** - Na minha opinião, Deleuze deve a Bergson mais que a qualquer outro filósofo. A idéia de que a filosofia necessita de precisão e deve criar conceitos singulares para objetos singulares, ao contrário de construir sistemas gerais que possam acomodar todo e qualquer mundo, como Bergson escreve no início de sua *Introdução à metafísica*, estabelece um padrão para o que Deleuze considera como tarefa da filosofia. Ele repetidamente reivindica, em *Diferença e repetição* (1969) e em algum outro lugar, que a filosofia visa a agarrar as condições de possibilidade do real e não da

experiência possível, sendo uma elaboração direta de uma demanda de Bergson. Mas a importância de Bergson para Deleuze não é apenas metodológica: todo o projeto de elaboração de uma filosofia das diferenças internas como alternativa à dialética e à fenomenologia é profundamente enraizada na interpretação deleuziana de Bergson. O mesmo segue verdadeiro para a crítica da negatividade e da ilusão retrospectiva da categoria do possível, assim como para a concepção do tempo como virtualidade. De forma mais geral, gostaria de dizer que Deleuze leva extremamente a sério a idéia de Bergson de que a filosofia deve dirigir a si a questão da novidade, do novo no fazer, ao contrário de se voltar para o eterno. Para Deleuze, tal idéia traz aproximadamente toda transformação da filosofia e seu próprio trabalho é dedicado largamente a desdobrar as conseqüências dessa transformação. Apesar disso, como todos os grandes filósofos, Deleuze introduziu um novo conjunto de problemas e conceitos que não podem ser remetidos outra vez a Bergson somente. Deleuze tem sua própria e singular voz.

# Bergsonismo, uma filosofia do futuro, do tempo, da transformação

ENTREVISTA COM PIERRE MONTEBELLO

*“Bergson faz-nos entrever nossa participação num movimento criador do universo, do qual nós não somos nem a origem, nem o fim. Esta idéia de um universo aberto, criador, que em nada corresponde àquele que a metafísica grega ou clássica descreveu, exerce hoje uma grande influência. O bergsonismo é uma filosofia do futuro, do tempo, da transformação”, assegura o filósofo francês Pierre Montebello, em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line. Outro dos aspectos atualíssimos que Montebello aponta na filosofia bergsoniana é a idéia de que “a filosofia não deve abandonar a ontologia, de que ela não deve contentar-se com a fenomenologia que só descreve o mundo a partir da consciência humana, mas que é preciso tentar descrever o mundo tal como ele é, é preciso tentar captar de que modo matéria, vida e consciência comunicam fora de nós”. A respeito da obra A evolução criadora, o entrevistado não poupou palavras: é um livro “assombroso”, um dos raros de filosofia contemporânea “que retoma as grandes questões deixadas em suspenso após a crítica kantiana da metafísica”. Felizmente, menciona Montebello, hoje A evolução criadora recebe seu devido valor e pode ser comparado a O mundo como vontade e representação, de Schopenhauer, “duas trovoadas no céu das idéias”.*

*Montebello leciona Filosofia Moderna e Contemporânea na Universidade de Toulouse-le-Mirail e dirige o departamento de Filosofia dessa instituição. É membro do Comitê científico internacional dos Anais Bergsonianos PUF Epiméthée: três tomos publicados (Annale I, 2002, 560 p., Annales II, 2004, 534 p., Annales III, 207, 540 p.) e da Sociedade Bergson, criada em 2006 na base do comitê científico internacional dos Anais Bergsonianos. Escreveu inúmeras obras, das quais citamos Vie et maladie chez Nietzsche (Paris: Ellipses, 2001); Nietzsche, La volonté de puissance (Paris: PUF, 2001); e L'autre métaphysique (Paris: Desclée de Brouwer, 2003).*

**IHU On-Line - Quais são os aspectos mais atuais da filosofia bergsoniana?**

**Pierre Montebello** - O melhor representante da modernidade da filosofia de Bergson terá sido, sem dúvida, o filósofo francês Gilles Deleuze. Ele nos fez redescobrir Bergson, de cuja filosofia tirou o mais interessante e moderno: uma compreensão da relação entre consciência e universo, entre percepção subjetiva

e cosmo. Bergson faz-nos entrever nossa participação num movimento criador do universo, do qual nós não somos nem a origem nem o fim. Esta idéia de um universo aberto, criador, que em nada corresponde àquele que a metafísica grega ou clássica descreveu, exerce hoje uma grande influência. O bergsonismo é uma filosofia do futuro, do tempo, da transformação. A segunda idéia é de que a filosofia não deve abandonar a

ontologia, de que ela não deve contentar-se com a fenomenologia, que só descreve o mundo a partir da consciência humana, mas que é preciso tentar descrever o mundo tal como ele é e tentar captar de que modo matéria, vida e consciência se comunicam fora de nós.

**IHU On-Line - Quanto à obra *A evolução criadora*, qual é sua representatividade na filosofia contemporânea, cem anos após sua publicação?**

**Pierre Montebello** - Cem anos após sua publicação, *A evolução criadora* continua sendo um livro realmente assombroso: ele é hoje relido e estimado em seu justo valor. Este livro deslocou integralmente o questionamento filosófico. Depois que a filosofia de Husserl<sup>17</sup> e de Heidegger<sup>18</sup> dominaram o cenário francês, nos damos realmente conta de que este livro trouxe algo totalmente novo. Ele é um dos raros livros de filosofia contemporânea que retoma as grandes questões deixadas em suspenso após a crítica kantiana da metafísica: a psicologia, a biologia, a cosmologia... Este livro não se contenta em dizer que o eu, a vida, o cosmo são

---

<sup>17</sup> Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para *download* no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

incognoscíveis. Esta filosofia traça um caminho, o mais próximo possível da experiência que temos de nós mesmos e do conhecimento que as ciências nos trazem, para desenhar uma imagem plausível do que querem dizer “consciência”, “vida”, “matéria”, “universo”, “evolução”... É um livro riquíssimo. Deve-se comparar esta obra ao grande livro de Schopenhauer<sup>19</sup> sobre *O mundo como vontade e como representação* (5. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1991). São duas trovoadas no céu das idéias, dois questionamentos da visão demasiado intelectualista que a filosofia nos deu do mundo.

**IHU On-Line - Quanto ao conceito bergsoniano de intuição, qual é sua relevância para que possamos entender o livre arbítrio?**

**Pierre Montebello** - A intuição bergsoniana é um método: ela consiste em situar-nos no próprio movimento das coisas, a pensar em duração quando temos tendência em forjar conceitos demasiado estáticos.

A intuição opõe-se à inteligência. Não que a inteligência seja inútil: ela serve para fabricar, é principalmente geométrica, técnica... O mundo tecnológico é sua obra. Mas a intuição não serve para agir, e sim para compreender. Não se compreende nada da vida quando se pensa através de conceitos que são destinados a agir sobre a matéria (conceitos matemático-físicos...), é preciso partir da intuição, da experiência “de ser vivos”, do movimento da própria vida. E isto vale para todas as coisas. A intuição é, pois, método de conhecimento, e ela é também libertação, já que sem ela somos condenados a viver apenas num mundo útil.

---

<sup>19</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da *IHU On-Line*)

Ora, a intuição nos desvela que o movimento das coisas é criador: o universo é um movimento de expansão, a vida é uma evolução criadora, a personalidade psíquica consiste em produzir atos livres. É este plano criador que a intuição nos faz encontrar.

**IHU On-Line - Como pode a filosofia deste pensador ajudar-nos a repensar a liberdade e a eticidade no mundo contemporâneo?**

**Pierre Montebello** - Repensar a liberdade e a ética hoje em dia é, e todo o mundo que se dá conta disso, pôr o mundo ante o homem, e não o homem ante o mundo. Os desastres de nossos dias vêm daquilo que Spinoza<sup>20</sup> vira tão bem: o homem se crê um “imperador num império”. Mas o homem não é o centro de nada: seu passado e seu futuro são o próprio universo. A filosofia, diz Bergson, deveria ser um esforço “para superar a condição humana”. Bergson nos faz compreender que pertencemos a um todo, e não é este todo que nos pertence. Esta tomada de consciência é fundamental, ela deve convidar-nos a reconsiderar nosso lugar no seio do todo, do universo e dos viventes. A filosofia de Jonas<sup>21</sup> prolongará esta reflexão, sem, no entanto, conhecer ou citar Bergson.

<sup>20</sup> Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou um *Tratado Político (Tractus Tehologico-Politicus)*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>21</sup> Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se: *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, 1979, publicada em português como *O princípio responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Se, como afirmava Bergson, o tempo real não existe, mas um *continuum* de tempo num fluxo constante, então o que existe são mecanismos mentais que compartimentam nossas experiências sensoriais? Ao tomar consciência disto, como pode o ser humano ter sua consciência afetada?**

**Pierre Montebello** - O tempo real existe para Bergson. Sua filosofia é uma filosofia da duração e, por conseguinte, do tempo. Mas não é o tempo da física, não é um tempo matematizado e dividido em instantes. É um movimento contínuo que traz o passado e gera o futuro no presente. Todas as coisas são ritmos de duração, matéria, vida, consciência, maneiras de gerar um futuro no presente recolhendo o passado. Mesmo a matéria que parece ser pura repetição é um movimento contínuo de expansão, uma transformação, uma evolução cósmica. Eu creio que a física não pode contestá-lo, ela que delineia uma história do cosmo a partir do Big Bang. O tempo é, pois, a própria realidade, o próprio estofo das coisas e do mundo. A filosofia de Bergson, como a de Heidegger, faz o tempo passar ao primeiro plano. Ela recusa o substancialismo que define as coisas por uma essência estável. A metafísica clássica, dirá Bergson, não se deu conta do tempo. O homem deve tomar consciência que ele também age no tempo, que a criação se faz no tempo. Não repetir, mas criar, tal é o sentido do ser que a existência humana deve reencontrar. Caso contrário, ela se fecha em sociedades estáticas, sociedades fechadas, sem criação artística, sem movimento espiritual, sem exigência de futuro.

**IHU On-Line - Há nestas idéias influências de Heráclito e de Kant, embora isso possa, de certa maneira, soar de modo contraditório, já que Heráclito foi inspirador de Platão e Kant foi um aristotélico?**

**Pierre Montebello** - Há pouca influência de Heráclito<sup>22</sup> sobre Bergson. Sua concepção do tempo é moderna, ela se apóia nos conhecimentos modernos da física, embora se trate de separar-se dela, e sobretudo nas teorias da evolução (transformismo de Lamarck<sup>23</sup> e evolucionismo de Darwin), que são tão importantes no século XIX. Não se trata simplesmente de dizer que as coisas estão em movimento. É preciso mostrar como elas se movimenta, e na filosofia moderna isso cruza com as questões que conduzem sobre a matéria (ciências físicas), sobre a vida (ciências biológicas) e sobre a consciência (ciências psicológicas). Heráclito teve uma intuição. Bergson dá uma consistência a esta intuição: ele trabalha com os utensílios e os conhecimentos modernos.

A influência de Kant<sup>24</sup> sobre a filosofia moderna é evidentemente essencial. No entanto, desde

---

<sup>22</sup> Heráclito de Éfeso (540 a. C. - 470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>23</sup> Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet (Chevalier de Lamarck; 1744-1829): naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos, uma teoria da evolução agora desacreditada. Lamarck personificou as idéias pré-darwinistas sobre a evolução. Foi ele que, de fato, introduziu o termo biologia. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>24</sup> Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foram publicados os *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulados *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para *download* na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

Schopenhauer aparece uma filosofia que encara Kant ao reverso. Schopenhauer, Nietzsche<sup>25</sup>, Bergson, tornam possível uma nova filosofia da natureza como vontade, vontade de poder, duração. Eles constroem uma nova imagem da natureza que não é mais aquela das ciências físicas. A metafísica da natureza de Kant não é senão a fundamentação do mecanicismo nas categorias de compreensão do sujeito transcendental. Estes três autores mostram, ao contrário, que o mecanicismo é insuficiente para pensar a natureza. Aliás, não basta mais dizer que o eu, a alma e Deus são indetermináveis. É preciso compreender de que modo matéria, vida, consciência, universo comunicam e estão em relação.

***IHU On-Line* - Ainda nesta linha de raciocínio, qual é a influência de Kant sobre o pensamento bergsoniano, considerando que o filósofo de Königsberg afirmava que a coisa é em si incognoscível?**

**Pierre Montebello** - A relação com Kant é complexa: ele censura Kant por ter crido que a metafísica é impossível; ele quer, pois, restaurar a metafísica. Pois Bergson está convencido que nós tocamos o absoluto nele mesmo. Ele retoma mesmo a frase de São Paulo<sup>26</sup> em A

---

<sup>25</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimaraes, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada *pela IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. A edição 15 do *Cadernos IHU Em Formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>26</sup> Paulo de Tarso (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos



*evolução criadora*: “No absoluto - são Paulo diz ‘em Deus’ -, nós estamos e nós nos movemos”. Para Bergson, nós podemos conhecer de modo absoluto, e é por isso que sua filosofia propõe um conhecimento da matéria, da vida, do conhecimento. Enquanto somos entes materiais, vivos e conscientes, como poderia escapar-nos tal conhecimento? Mas é preciso empregar o método adequado, não se deve aplicar à realidade meios dos quais a inteligência se serve para agir sobre a matéria. Kant permaneceu num conhecimento demasiado intelectual. Ele não colocou o tempo nas coisas, e sim as tornou incompreensíveis. Ele acreditou, então, que não se podia conhecê-las, que elas eram incognoscíveis. Mas a inteligência não é feita para conhecer, segundo Bergson, e sim para agir sobre a matéria, fixando as coisas num espaço e num tempo matemáticos. Em lugar do entendimento, foi preciso colocar a intuição que nos situa na duração e no movimento criador do universo. O projeto bergsoniano é antikantiano neste nível: restituir vida à possibilidade da metafísica.

***IHU On-Line - De que modo a idéia bergsoniana de seleção natural de informações nos ajuda a compreender a singularidade das concepções do sujeito moderno?***

**Pierre Montebello** - Não há idéias bergsonianas de seleção da informação. Esta é uma idéia darwinista e Bergson contesta o modelo darwiniano de seleção das pequenas diferenças. É

---

cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006, dedicou o tema de capa **Paulo de Tarso e a contemporaneidade**. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

um esquema que não toma em conta as tendências da vida, segundo ele. Mas há em Bergson uma teoria do sujeito moderno reconciliado com o universo e com a natureza, e não transcendendo o universo e a natureza. É mesmo o essencial ao bergsonismo fazer-nos compreender que o sujeito não tem valor em si, que ele faz parte de um todo, que é aparentado a este todo. Ele escreverá, assim, que o “eu” é da mesma natureza que o todo. O bergsonismo luta contra esta idéia de uma superioridade da consciência humana sobre o todo. O sujeito é apenas uma parte do todo que comunica com ele.

***IHU On-Line - De que maneira as filosofias de Bergson e Deleuze se cruzam? O que têm elas em comum e, sobretudo, em que elas diferem?***

**Pierre Montebello** - A filosofia de Deleuze é bastante inspirada pela filosofia de Bergson. Ela mantém seus aspectos essenciais: primado do universo sobre o sujeito, luta contra a fenomenologia que separa o sujeito da natureza e postula sua transcendência, crítica dos falsos problemas e das ilusões que provêm do fato de se fazer do homem “um império num império”, pensar o movimento criador como o Aberto que não cessa de criar e de transformar...

Deleuze faz passar Bergson para uma filosofia ainda mais livre, a-subjetiva em seu fundo, reservatório de hecidades... Ele se serve disso para fazer surgir o paradoxo de um Aparecer EM SI, de uma luz/Universo que precede o sujeito. Para ele, como para Bergson, “a filosofia deve ser um efeito para ultrapassar a condição humana” (Bergson). O universo na ausência do homem, eis o que se deve pensar, e não o universo visto pelo homem: pois o homem desfigura tudo quanto ele reconduz a si. O que é o universo quando se faz o esforço de pensá-lo sem preconceitos antropomorfos e sem dogmas teológicos, sem mim e sem Deus? Tal é a questão que Deleuze quer levantar e que se assemelha também ao questionamento de Nietzsche. Que o homem não seja o centro do todo, Deleuze o exprimirá retendo esta fórmula de Primo Levi: “A vergonha de ser um homem”.

## Recortar o real em função das nossas necessidades: condição para a vida

ENTREVISTA COM DEBORA MORATO

*“Em A evolução criadora, Bergson defende que a função do intelecto é adaptativa e assim naturaliza a inteligência. A nossa ação somente se exerce sobre pontos fixos, agir é dominar a matéria procurando, na pura mobilidade que é o estofa da realidade, estabilidades cômodas. Para viver, é preciso recortar o real em função das nossas necessidades”, acentua a filósofa Débora Morato, em entrevista dada com exclusividade à IHU On-Line. A pesquisadora, que leciona na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em São Carlos, São Paulo, afirma que A evolução criadora há “respostas a alguns desafios próprios ao pensamento contemporâneo, como é o caso do problema do dualismo mente/corpo, das relações entre instinto e inteligência, do papel do tempo na descrição dos fenômenos vitais, do sentido da evolução, entre outros. Destacam-se a crítica aos sistemas da tradição e a necessidade de compreender a dimensão histórica do real e do homem”.*

*Morato é graduada, mestre e doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Sua dissertação intitulou-se Espaço, percepção e inteligência - Bergson e a formação da consciência empírica humana e sua tese, Consciência e corpo como memória: subjetividade, atenção e vida à luz da filosofia da duração, ambas orientadas por Franklin Leopoldo e Silva. É uma das organizadoras das obras Subjetividade e linguagem (São Carlos; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de São Carlos, 2006); Questões de Filosofia contemporânea (São Paulo; Curitiba: Discurso Editorial; UFPr, 2006) e A fenomenologia da experiência - Horizontes filosóficos da obra de Merleau-Ponty (Goiânia: Ed. da UFG, 2006). Confira a íntegra da entrevista, concedida por e-mail.*

**IHU On-Line - Cem anos após sua publicação, qual é a atualidade da obra A evolução criadora?**

**Débora Morato** - Podemos apontar a atualidade de *A evolução criadora* em duas vertentes: uma referida à história da filosofia, e outra a um campo que podemos delimitar como epistemológico. Tratando de problemas comuns ao horizonte do início do século XX, o livro apresenta respostas a alguns desafios próprios ao pensamento contemporâneo, como é o caso do problema do dualismo mente/corpo, das relações entre instinto e

inteligência, do papel do tempo na descrição dos fenômenos vitais, do sentido da evolução, entre outros. Destacam-se a crítica aos sistemas da tradição e a necessidade de compreender a dimensão histórica do real e do homem. É importante ressaltar o papel do último capítulo da obra, em que Bergson expõe o “mecanismo cinematográfico” da inteligência e mostra como a racionalidade ocidental é vítima da obsessão pela imobilidade e pela repetição - ela perde de vista a mudança e o movimento que respondem pela essência da

realidade. Temos ali o desenvolvimento da crítica endereçada à história da metafísica racional, que Bergson considera sustentada por uma ilusão natural ao entendimento: a imagem ou a idéia do Nada. Em relação a essa famosa crítica do negativo, a obra de Bento Prado Junior<sup>27</sup> *Presença e campo transcendental* (publicada pela Edusp em 1989 e traduzida para o francês em 2002, editora OLMS) tem uma importância capital. Ela nos apresenta uma interpretação original e instigante sobre a filosofia de Bergson, mostrando como a discussão da ilusão do Nada explicita as direções mais fundamentais de todas as análises críticas do filósofo e ressaltando a pertinência da denúncia do papel dessa ilusão na história da filosofia. O livro tem hoje reconhecimento mundial, e um de seus méritos foi ter percebido a importância da discussão do pressuposto do Nada para a filosofia do século XX.

#### **Uma articulação entre dados da ciência e construção metafísica**

A segunda vertente que atesta a atualidade da reflexão de *A evolução criadora* é o modo pelo qual ela articula dados da ciência e construção metafísica. Bergson leva até o limite a capacidade de meditar sobre as descobertas e inovações da biologia evolutiva, oferecendo hipóteses especulativas guiadas pelos fatos ou por sua leitura sem pressupostos. As discussões pontuais com os cientistas da evolução explicitam um dos aspectos mais interessantes da filosofia bergsoniana, precisamente a denúncia de que existem conceitos

---

<sup>27</sup> **Bento Prado Junior**: filósofo brasileiro, graduado pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutor pelo Centre National de la Recherche Scientifique, CNRS, França e livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, é autor de *Erro, ilusão, loucura* (São Paulo: Editora 34, 2004) e *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989). (Nota da *IHU On-Line*)

previamente inseridos no trabalho da ciência, isto é, pressupostos latentes que dirigem a observação e a interpretação dos dados do trabalho experimental. Todas as obras de Bergson reforçam essa dificuldade: os dados da ciência são observados e descritos por um trabalho que é, na verdade, pura interpretação, cujos princípios os cientistas ignoram - em outros termos, usam teses e conceitos sem que o percebam. No caso das ciências biológicas, as conseqüências dessa reflexão crítica têm especial importância hoje, momento em que elas ocupam papel de protagonistas do progresso científico e dos dilemas que esse progresso impõe à humanidade.

#### ***IHU On-Line* - Qual é a contribuição de Bergson para compreender a formação da consciência empírica humana?**

**Débora Morato** - Ao procurar compreender os fenômenos vitais, Bergson considera a temporalidade ou duração. E logo percebeu que a temporalidade está essencialmente ligada à consciência. Nesse sentido, sua filosofia desenvolve-se como um estudo progressivo e profundo da consciência em geral, dos processos em que ela se manifesta. Ele procura superar a noção de consciência herdada das filosofias anteriores, que a limitam à sua dimensão de consciência reflexiva e intelectual, ou seja, “constituente”, se quisermos usar o termo próprio às filosofias transcendentais. Bergson recupera o papel do estudo da consciência psicológica numa tentativa de desenvolver um empirismo verdadeiro. A consciência é originariamente uma inserção prática no mundo, surge na própria relação que se estabelece entre os corpos vivos e os seus ambientes. A reflexão sobre a consciência necessita do estudo das ações do corpo; é pelo critério da ação, aliás, que Bergson determina as diferenças entre as coisas e os organismos, entre a matéria e a consciência, entre o em si e o para si, os primeiros marcados pela ação necessária e automática, os segundos termos da oposição

apresentando a capacidade de elaborar ações indeterminadas. Se a consciência é originariamente ação no mundo, *essencialmente* ele é progressão contínua do passado no presente invadindo o futuro - ela é duração. Encontramos no segundo livro de Bergson, *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (São Paulo: Martins Fontes, 1990), uma hipótese detalhada e complexa sobre a origem da consciência humana na percepção, a dimensão originária da consciência. Essa obra liga o estudo sobre a interioridade e seus estados psicológicos, o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (Montevideo: Cláudio Garcia, 1944), que dá conta da dimensão profunda e essencial da consciência enquanto progressão qualitativa, ao estudo da consciência em geral, uma espécie de “supra-consciência” criadora que é o centro da metafísica da vida de *A evolução criadora*. O trajeto que vai da primeira à terceira obra, integrando teoria do conhecimento e teoria da vida, funda-se então sobre um estudo que circula entre psicologia, biologia e metafísica e cujo centro é a noção de consciência - a duração, idéia central de filosofia de Bergson, é metafisicamente compreendida através da análise dos fenômenos conscientes em sua temporalidade concreta.

#### ***IHU On-Line* - Como o espaço, a percepção e a inteligência se relacionam em sua obra e pensamento?**

**Débora Morato** - A teoria da inteligência de Bergson foi o primeiro aspecto de sua filosofia que chamou minha atenção e dediquei a esse tema grande parte do meu mestrado. Em linhas gerais, Bergson atribui à inteligência uma forma, o espaço, e uma origem, a percepção. A inteligência tem um funcionamento que pode ser esclarecido pela metáfora do “mecanismo cinematográfico”: ela recorta momentos ou partes fixas dos fenômenos, como que “congelando” a dinamicidade do real, e tenta recompor a realidade através da justaposição desses instantes recortados de um todo no

qual ela está inserida. Em outros termos, tudo o que a inteligência pode conhecer se dá por refração num meio homogêneo e vazio, no qual são desdobradas partes ou unidades nitidamente separadas, e isso se deve justamente ao fato de que ela é uma faculdade de ação e desenvolve-se na mesma medida do progresso da linguagem. Em *A evolução criadora*, Bergson defende que a função do intelecto é adaptativa e assim naturaliza a inteligência. A nossa ação somente se exerce sobre pontos fixos: agir é dominar a matéria procurando, na pura mobilidade que é o estofado da realidade, estabilidades cômodas. Para viver, é preciso recortar o real em função das nossas necessidades. Ao desenvolver-se modelada por sua função vital, a inteligência progressivamente leva ao extremo a forma pela qual é capaz de fixar e recortar o real - o espaço, um meio vazio e homogêneo. O espaço é o meio de conservação das partes atualmente dadas por justaposição, fundamento das figuras geométricas e condição da percepção e da concepção de objetos distintos e determinados. Se o real é pura dinamicidade ou diferenciação (“atributos” da duração), é evidente que a visão intelectual dos fenômenos será necessariamente fragmentada e estática, ou seja, distorcida e equivocada, útil para a vida, mas completamente inadequada à compreensão da verdadeira essência dos fenômenos, o que para Bergson é ainda e sempre a tarefa da filosofia.

#### ***IHU On-Line* - Como a construção da metafísica enquanto experiência integral - conhecimento interior e imediato como atributos da intuição em Bergson - pode ser explicada?**

**Débora Morato** - A defesa e proposta de refundação da metafísica em novas bases é um aspecto do pensamento bergsoniano que provoca muito interesse e também muita rejeição no ambiente filosófico atual. Afinal, falar de metafísica em plena aurora do século XXI pode

parecer provocação. Mas o fato é que Bergson tem o mérito de assumir aquilo que muitos pensadores preferem ignorar: as diversas áreas e os vários temas filosóficos, ao se aprofundarem, encontram por seu próprio desenvolvimento questões de ordem metafísica. Desde logo, ele percebeu que a filosofia evolucionista implica uma hipótese de fundo sobre a criação e o tempo, passando, então, a reformular o equacionamento de temas filosóficos pela crítica dos pressupostos metafísicos herdados da tradição. O desafio que Bergson procura enfrentar é justamente o de refazer a metafísica, agora pautada pela noção de experiência e, portanto, com apoio nos fatos. A título de exemplo, podemos citar o tratamento que ele confere ao problema do dualismo, estudado em *Matéria e memória*: a discussão e reposição do problema consiste ali em trazê-lo para o terreno dos fatos da memória, mais especificamente aos fatos da psicopatologia (os casos de afasia que estavam na ordem do dia da pesquisa científica na passagem do século XIX ao XX). As doenças da memória mostram uma conservação de lembranças que não se atualizam adequadamente, mas não são destruídas no córtex porque se apresentam em situações inesperadas, reforçando a tese bergsoniana de que lesões cerebrais impedem processos globais de organização, mas não suprimem as “cenas” ou as representações passadas. O que impressiona nessas análises é a capacidade que Bergson tem de extrair conseqüências filosóficas cruciais de fenômenos simples e corriqueiros, tais como o aprendizado de uma lição decorada ou de um exercício físico, descrevendo a formação de uma memória do corpo em que reside uma das mais belas passagens do livro.

### Metafísica como “experiência integral”

A definição de metafísica como “experiência integral” tem relação direta com o método da intuição. A experiência concreta dos seres humanos é sempre uma

mistura entre a dimensão temporal e a espacial. O domínio da vida por excelência é misto e, por não se darem conta desse fato, os diversos filósofos da experiência não souberam compreender e descrever a experiência concreta. O método da intuição trabalha em primeiro lugar de modo analítico, procurando dissociar os fenômenos em suas partes puras, seus limites. Há uma definição célebre do trabalho da intuição que explicita o seu funcionamento: ele exige buscar a experiência “em sua fonte”, aquém de sua inflexão no sentido da utilidade que a define propriamente como experiência humana. O trabalho de purificar o misto conduz ao momento originário e, uma vez que Bergson define a realidade como tendência, e a tendência é uma mudança de direção em estado nascente, encontrar o momento nascente é então compreender o real. A intuição é a revelação do real como tendência através de um processo de separação analítica das tendências puras que são vividas por nós, na experiência concreta, como mistura. Além de recuperar o caráter dinâmico que subjaz a toda aparência estável dos fenômenos, a intuição da duração permite superar a própria condição humana, pensando a sua origem numa totalidade que lhe é anterior. A experiência agora não se limita ao misto e não se contenta com a exteriorização prática que institui objetos: pela intuição metafísica, a consciência se volta ao puro, às tendências que originam o domínio misto e é nesse sentido que ela pode ser compreendida como experiência integral - expressão que fecha o texto *Introdução à metafísica*, traduzido por Franklin Leopoldo e Silva<sup>28</sup> para a coleção *Os Pensadores*.

<sup>28</sup> Franklin Leopoldo e Silva: filósofo brasileiro, mestre, doutor e livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP), onde leciona no departamento de Filosofia. Na livre-docência, apresentou a tese *Bergson: intuição e discurso filosófico* (São Paulo: Loyola, 1994). Em 14-09-2006 concedeu ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU a entrevista *A banalidade da ética e da política*. Em 22-05-2007, palestrou sobre *A subjetividade moderna. Possibilidades e limites para o cristianismo*, dentro da programação do Simpósio Internacional

**IHU On-Line - Em que aspectos o conceito de "elã vital" nos auxilia a compreender a complexidade das sociedades pós-modernas?**

**Débora Morato** - Não sou a melhor pessoa para responder a essa questão, mas me parece que é na definição do "elã vital" como impulso a partir do qual uma multiplicidade de tendências começa a se efetivar (em direções divergentes) que temos um bom exemplo dessa possibilidade. Bergson nos apresenta a um modo de compreender a evolução e as organizações diversas como movimento de diferenciação que guardam uma origem comum e, assim, uma memória. A unidade na diversidade apóia-se nessa memória da origem, nessa indistinção originária, na virtualidade de direções amalgamadas que define a duração. A noção de virtualidade e criação, assim como a de diferença interna, são trabalhadas pela filosofia de Gilles Deleuze, sobre a qual o pensamento de Bergson teve grande influência.

**IHU On-Line - Partindo da afirmação bergsoniana de que aquilo que nossos sentidos nos fornecem não são a realidade, mas cópias seletivas desta, podemos perceber aí uma influência platônica, como aquelas imagens refletidas no fundo da caverna? Por quê?**

**Débora Morato** - Parece-me que a aproximação mais adequada entre Bergson e Platão<sup>29</sup> reside na descrição da intuição como método das divisões que procura discernir no real suas articulações naturais. Quem trabalha essa aproximação é Deleuze, em seu livro *Bergsonismo* (São Paulo: Editora 34, 1999). Em relação ao conhecimento sensível, podemos dizer que a posição de Bergson é inversa a de Platão, que postula uma superação dos

---

*O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* (Nota da IHU On-Line)

<sup>29</sup> Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da IHU On-Line)

dados da sensibilidade pela abstração que se encaminha às idéias. Na verdade, em sua leitura crítica da tradição, Bergson denuncia a relação interna entre desprezo pelo movente, pela diferença e pela transformação e desvalorização da sensibilidade, vindo no platonismo um dos ápices dessa direção do pensamento racional. Bergson reiteradamente afirma que a metafísica nasceu dos argumentos de Zenão de Eléia<sup>30</sup> relativos à transformação e ao movimento. Ao chamar a atenção para o absurdo do movimento, o eleata levou os filósofos a procurar a realidade coerente e verdadeira naquilo que não muda. Ocorre que esse "absurdo" tem sua imagem fornecida pela sensibilidade, e a experiência sensível passa a significar aquilo que deve ser superado. Constrói-se, assim, uma posição teórica ou conceituação que literalmente "põe" um mundo, um mundo pensado ou ideal, revelado pelo conceito. Bergson, ao contrário, quer voltar à percepção sensível, ampliando o seu domínio e nela recuperado os índices do real por um contato com sua dimensão originária. É certo dizer que, para Bergson, os sentidos filtram o real e selecionam aquilo que interessa ao organismo, mas ele nunca abre mão da idéia de que tal seleção se efetiva sobre um ato de penetração na própria realidade. O corpo está no mundo e os sentidos retiram algo do mundo, não apenas nos fornecem uma cópia. As sombras de Platão seriam, para Bergson, os recortes estáveis sobre os quais agimos, e a filosofia liberta o homem dessa ilusão, a da imutabilidade, justamente aquilo que, para Platão, seria a essência do real. Nesse ponto, a filosofia de Bergson é essencialmente anti-platônica.

---

<sup>30</sup> Zenão de Eléia (495 a. C. - 430 a. C.): filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi discípulo de Parmênides. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Deste modo, não pretendia refutar diretamente as teses que combatia, mas sim mostrar os absurdos daquelas teses (e, portanto, sua falsidade). Acredita-se que Zenão tenha criado cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a escola eleática). (Nota da IHU On-Line)



**IHU On-Line - Russell criticava Bergson afirmando que sua filosofia não tinha muitos argumentos racionais, mas analogias e metáforas poéticas. Até que ponto essa crítica é procedente e até que ponto está impregnada de um pressuposto que filosofia boa é filosofia hermética, escrita em jargão ininteligível?**

**Débora Morato** - Talvez haja algo nessa questão um pouco injusto com Russell, mas é certo que ele foi um grande crítico de Bergson. Penso que o verdadeiro problema aqui é a excessiva formalização da linguagem, sua extrapolação em técnica. Bergson é um crítico da capacidade da linguagem no terreno da especulação, já que sua destinação natural não é o conhecimento metafísico ou mesmo teórico. A linguagem é instrumento de adaptação e socialização. Nesse sentido, sua função é possibilitar e desenvolver o trabalho de fixação do real que será a tarefa fundamental da inteligência. A relação entre a filosofia e a linguagem é de extrema complexidade, pois enquanto conhecimento a filosofia é discurso, mas tem que efetivar um trabalho contra as tendências naturais do discurso que não são nada filosóficas. O discurso é fruto da prática, nela se origina e segue assim as direções da ação, enquanto que a filosofia, de algum modo, interrompe a prática, deve inverter os sentido das representações por ela produzidas. Daí o recurso às analogias e às metáforas poéticas, com a intenção de dissolver um pouco a solidificação de significados.

**IHU On-Line - Alguns afirmam que na filosofia de Bergson há um encontro com a literatura. Você concorda? Por quê?**

**Débora Morato** - A duração criadora é o centro da filosofia de Bergson, o que acarreta inevitavelmente um problema: uma vez que a linguagem é uma ferramenta do homem para fixar o real que dura e assim fixar-se a si mesmo na realidade (ou seja, é o instrumento mais importante para a adaptação), ela é, de uma forma geral, inadequada para o conhecimento metafísico. A linguagem é um instrumento de ação e ao se constituir e se aperfeiçoar acaba ocultando

gradualmente, com eficácia, os verdadeiros índices do real, a mudança, a transformação, a dinamicidade, a criação do novo. O grande problema que Bergson então enfrentou foi o de propor uma filosofia cujo objeto é inapreensível pela linguagem sem poder escapar de usar o discurso. A questão transforma-se assim na da possibilidade de um discurso filosófico e o caminho para resolver o problema está na aproximação entre filosofia e literatura. A metáfora no lugar do conceito, o discurso que fala às capacidades humanas extra-intelectuais, eis a direção que o filósofo deve tomar: Bergson não só propôs esta via como a seguiu em seu itinerário, produzindo obras filosóficas de notável valor literário e vindo a ganhar o prêmio Nobel de Literatura. Nós temos no Brasil um dos melhores estudos sobre a relação entre o método intuitivo e a discursividade: trata-se do livro de Franklin Leopoldo e Silva, **Bergson: intuição e discurso filosófico** (São Paulo: Loyola, 1994), publicado em 1994 pela editora Loyola. Ali podemos acompanhar em detalhe como Bergson expõe a função e a estrutura da linguagem, que é para ele a materialização em som e em signos de um sentido, de um pensamento, de uma realidade espiritual. A linguagem congela o sentido, como nos explica Franklin em seu estudo, materializando o pensamento para atender às urgências da ação, da adaptação. Nesse sentido, seu aperfeiçoamento caminha na direção da fixação de significados e da formalização técnica. Se parte do trabalho reflexivo que procura reabilitar a dimensão temporal dos fenômenos consiste em desfazer o que a inteligência e a linguagem fizeram no seu funcionamento natural, compreende-se a função da poesia e da metáfora: recuperar a mobilidade original dos significados, inverter a direção do trabalho da linguagem, usar a linguagem contra si mesma! Esse é um dos temas de maior dificuldade de compreensão, mas também uma das mais ricas contribuições de Bergson ao entrecruzamento da filosofia com a literatura.

## A crítica bergsoniana ao cinema

ENTREVISTA COM ADRIÁN CANGI

*Questionado se o cinema para Bergson seria uma espécie de sombra projetada no fundo da caverna platônica, o filósofo argentino Adrián Cangi não hesitou em responder: “Em certo sentido, o mito da caverna exposto em A república, como tensão entre a idéia e o simulacro, pensada como projeção indireta, está no fundo da imagem dogmática do pensamento que Bergson critica. Em Platão, a imagem está a serviço do poder que diferencia entre as cópias que se atentam ao modelo e aos meros simulacros. A matriz platônica define, deste modo, os pressupostos de um pensamento transcendente, que tem vontade de se impor como conquista do verdadeiro através do conceito. Daqui nasce a idéia da verdade como invariante abstrata e teológica”. De acordo com Cangi, Bergson “não deixa de pensar o mito da caverna criticamente para dismantelá-lo como o domínio das ‘posturas’ abstratas que separam o inteligível-real do sensível-aparente. Encontra-se mais perto de pensar o universo material como cinema, ainda que como intuir ao cinematográfico como um ilusionismo mecânico”. A entrevista, exclusiva, foi concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Cangi é doutor em Sociologia, Filosofia e Letras. Leciona na Universidade de Buenos Aires (UBA), Fundação Universidade do Cinema (FUC) e Universidade Nacional de La Plata. Profundo conhecedor do pensamento de Spinoza, Nietzsche, Foucault e Deleuze, é um dos autores de Lúmpenes peregrinaciones. Ensayos sobre Néstor Perlongher (Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1996) e Glauber Rocha. Del hambre al sueño. Obra, política y pensamiento (Buenos Aires: Fundación Eduardo F. Costantini, 2004), entre inúmeras outras obras.*

**IHU On-Line - Poderia explicar por que Bergson pensa o cinema como a perpetuação de uma antiga ilusão que consiste em crer que se pode construir o movimento mediante momentos fixos de tempo?**

**Adrián Cangi -** A filosofia, como apontou Deleuze, manteve, até a contemporaneidade, condições pré-cinematográficas, conferindo-lhe a percepção natural, um privilégio que faz com que o movimento siga ainda

vinculado às “posturas”, sejam estas essenciais ou existenciais. A partir daí, o movimento cinematográfico é visto como imagem do pensamento, ao mesmo tempo infiel às condições da percepção e portador de um novo relato capaz de se acercar à percepção e ao mundo. Será no capítulo IV de *A evolução criadora* (1907) que Bergson expôs que “a forma não é mais que uma instantânea tomada sobre uma transição”, sustentando

que a percepção solidifica em descontinuidades formais a continuidade fluida. Define a forma como uma imagem instantânea que funciona como uma “imagem média do movimento”. Configura, assim, criticamente “o caráter cinematográfico do nosso conhecimento das coisas”. Conhecimento sustentado na idéia de que toda percepção, inteligência (estudo) e linguagem operam como um movimento abstrato e simples, artificialmente criado, que permitiria tornar “instantânea” como uma permutação do devir interior das coisas por um movimento geral, uniforme e invisível. Tal mecanismo estaria situado no fundo do aparato do conhecimento com o fim de imitar mecanicamente o devir. O cinema, como unidade de comparação, não se sai bem na análise de Bergson. Contudo, Deleuze mostrará minuciosamente em *A imagem-movimento. Cinema 1* (1983) e *A imagem-tempo. Cinema 2* (1985) que Bergson estaria inventando premonitoriamente os problemas de uma linguagem, que somente pode perceber no registro amoroso e vacilante iniciais e que em seu pensamento alcançará a inquietude espiritual madura, antes que os grandes cineastas o produzam como marcas de estilo.

#### Imagem é igual a movimento

É no capítulo I de *Matéria e memória* (1896) que Bergson refletirá o cinema pensando que a imagem é igual ao movimento, que a imagem-movimento e a matéria-fluxo são estritamente a mesma coisa. De *Matéria e memória* a *A evolução criadora*, Bergson concebe um corte móvel da duração mais que um corte imóvel ou instantâneo do movimento. Deste modo, o cinema seria capaz de alcançar o universo material na imagem-movimento como identidade absoluta da imagem e o movimento. Identidade maquinista que os conceitos de Bergson nos permitem ver e que, contudo, em sua crítica explícita, nos afasta do cinema. Podemos dizer que o cinema perpetuaria uma antiga ilusão porque Bergson crê que em um movimento que há mais que nas

posições sucessivas, há mais num devir que nos cortes ou formas uma atrás da outra. O mecanismo cinematográfico da inteligência responde à representação por detenções que dominou a filosofia antiga e que atravessa - para Bergson - a filosofia moderna em certo grau. A provocação deste pensamento consistiria em se instalar na mudança e captar, ao mesmo tempo, a mudança e os estados sucessivos que a todo instante poderiam imobilizar-se. Mas instalar-se na transição supõe “renunciar aos hábitos cinematográficos de nossa inteligência”.

Deleuze supõe clarificar a imagem do pensamento como duração em três grandes teses. A primeira provém de *Matéria e memória* e sustenta que o movimento é o ato de recorrer, o espaço recorrido é indivisível, ou bem não se divide sem mudar com cada divisão da natureza. Então, não se pode reconstruir o movimento com posições no espaço ou com instantes no tempo. Uma duração concreta em movimento é uma imagem média com dado imediato. As outras duas provêm de *A evolução criadora*. A segunda sustenta que o movimento não é a postura regulada de uma forma a outra segunda ordem de posturas ou instantes privilegiados, como supunha a filosofia antiga, mas que este somente se recompõe segundo cortes imanentes ou instantes quaisquer, como explica a ciência moderna. O tempo aparece, assim, como variável independente do movimento. A terceira dirá que se o instante é um corte imóvel do movimento, ou seja, este resulta de um corte móvel da duração. O movimento expressa a mudança na duração. A criatura existe na duração como um todo que não está dado nem pode se dar. Corresponde-se com o aberto que assimila no ser vivo o ritmo do universo. Esse todo crê numa dimensão sem partes como puro devir sem interrupção que, contudo, passa por estados somente pensáveis como graus artificiais ou conjuntos relativamente fechados.

A partir destas teses, Deleuze dirá que Bergson

antecipa a criação de três tipos de imagens do pensamento. Podemos dizer que há não somente imagens instantâneas como cortes imóveis do movimento, mas também imagens-movimento como cortes móveis da duração e imagens-tempo, para além do movimento mesmo, como imagens-duração, imagens-mudança, imagens-relação. Aquele que nos conduziria pelo mecanismo cinematográfico do pensamento que fazia a ilusão mecanicista, para Deleuze havia liberado um novo modo de pensar a igualdade da imagem e o movimento, destituindo a ilusão antiga da imagem do pensamento.

***IHU On-Line* - Em que medida este pensamento serve como instrumento de crítica à indústria cinematográfica contemporânea em sua tendência a perpetuar o instante e o estereótipo?**

**Adrián Cangi** - A história do cinema tem revelado procedimentos de criação que se subtraem aos poderes estabilizadores da comunicação com sua promessa orgânica, sensorial e motriz. Cada interrupção desta lógica de ação-reação como imagem realista do pensamento gera uma anomalia, um falso movimento, um salto na continuidade perceptiva. Sempre que as lógicas orgânicas da representação são interrompidas aparece o gesto de estilo. O estilo como gesto poético que me atrai responde à sentença de Bresson<sup>31</sup>: “Não corra atrás da poesia. Ela penetra por si mesma através das junções!”. Bergson é um pensador dos intervalos, elaborando um “entre” como fonte imanente do movimento-duração do qual emerge potências criadoras. Esta posição supõe para o pensamento um salto que vai da percepção automática à percepção atenta, do movimento estruturado pelo costume associativo e estratigráfico. Deleuze vê nesta lógica um pensamento

---

<sup>31</sup> **Robert Bresson** (1901-1999): diretor de filmes francês, considerado um dos maiores cineastas franceses do século XX e um dos grandes mestres do movimento minimalista. Um dos filmes que dirigiu é *Diário de um padre* (1951). (Nota da *IHU On-Line*)

da diferença que absorve os estereótipos na repetição e os transforma no processo de criação. O cinema, como outras linguagens de criação, trabalha e elabora estereótipos e tópicos. Os grandes criadores os utilizam e desgastam produzindo intervalos em sua repetição. De distintos modos, Vertov<sup>32</sup>, Bresson, Rossellini<sup>33</sup>, Godard<sup>34</sup>, Syberberg<sup>35</sup>, somente para citar alguns realizadores que utilizam o intervalo para descompor a percepção do instante e do estereótipo.

O espetáculo é o pesadelo da sociedade moderna que não expressa seu desejo de infância e de sonho. Um estilo é sempre uma indecisão que resiste à ilusão. Segundo a fórmula de Bergson, sempre vemos de menos determinados por condicionamentos psicológicos, econômicos, ideológicos. Vemos por capas: a postura de uma capa à outra é uma mudança visível do mundo. Ao começar “*História(s) do cinema*”, Godard disse: “guarda para ti uma imagem de indefinição!”. Essa margem é um intervalo que produz uma mirada mais para lá do instante e do estereótipo.

***IHU On-Line* - O cinema para Bergson seria uma espécie de sombra projetada no fundo da caverna platônica?**

---

<sup>32</sup> **Dziga Vertov** (1896-1954): cineasta de documentários e reportagens jornalísticas. Fez parte do movimento construtivista, escrevendo inúmeros artigos sobre a teoria do filme. Um dos filmes que dirigiu é *O Onézimo* (1928). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>33</sup> **Roberto Rossellini** (1906-1977): diretor de cinema italiano. Foi um dos mais importantes cineastas do neo-realismo italiano, com contribuições ao movimento, com filmes como *Roma* e *Cidade aberta*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>34</sup> **Jean-Luc Godard** (1930): cineasta francês, reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que tomou como temas e assumiu como forma, de maneira ágil, original e quase sempre provocadora, os dilemas e perplexidades do século XX. Além disso, é também um dos principais nomes da *Nouvelle Vague*, assim como Truffaut. Um de seus filmes é *Vivre sa vie* (1962). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>35</sup> **Hans-Jürgen Syberberg** (1935): diretor de filmes alemão. Uma de suas obras é *Penthesilea* (1987). (Nota da *IHU On-Line*)

**Adrián Cangi** - A filosofia de Platão parte da forma e vê nela a essência mesma da realidade. Não obtém a forma mediante uma vista tomada sobre o devir. A duração e o devir somente seriam a degradação da eternidade imóvel. A forma independente do tempo não é unida à percepção; é uma abstração. As formas se assentam fora do espaço e em cima do tempo. Expressam uma distensão no tempo e uma extensão no espaço. Em certo sentido, o mito da caverna exposta em *A república*, como tensão entre a idéia e o simulacro, pensada como projeção indireta, está no fundo da imagem dogmática do pensamento que Bergson critica. Em Platão, a imagem está a serviço do poder que diferencia entre as cópias que se atentam ao modelo e os meros simulacros. A matriz platônica define, deste modo, os pressupostos de um pensamento transcendente, que tem vontade de se impor como conquista do verdadeiro através do conceito. Daqui nasce a idéia da verdade como invariante abstrata e teológica. Bergson não deixa de pensar o mito da caverna criticamente para dismantelá-la como o domínio das “posturas” abstratas, que separam o inteligível-real do sensível-aparente. Encontra-se mais perto de pensar o universo material como cinema, ainda que este seja visto como um ilusionismo mecânico. Deleuze consegue perceber que Bergson concebe um plano móvel como um conjunto de movimento que expressa uma mudança. Esse plano corresponde à idéia de bloqueio de espaço-tempo mais próximo ao cinema como igualdade da imagem e à matéria do que ao mito da caverna.

**IHU On-Line** - Qual é a importância de *A evolução criadora* dentro de sua obra? Qual é o papel ocupado pelo conceito de “elã vital” nesta filosofia?

**Adrián Cangi** - Nesta obra, Bergson desenvolve a noção de seu pensamento: a duração. O que quer dizer pensar a vida como duração? Liberar-nos da falsa idéia de que a experiência do tempo é uma sucessão de instantes autônomos, quase como se o presente estivesse separado do passado e tivesse necessidade de recriá-lo de qualquer maneira, através de uma reelaboração *a posteriori*. Viver não é reviver o passado; entre passado e presente não há cicatriz alguma. Na experiência do tempo como *duração*, nada do passado se perde. O presente não é senão a prolongação do passado que opera incessantemente até o futuro. Se tudo muda continuamente, a forma de experiência resulta perpetuamente remodelada por um impulso de criação ininterrupto, flexível e infinito, que gera e incorpora a invasão da novidade. Bergson desdobrou em sua obra uma metafísica da vida, evoluindo os processos vitais como o impulso que nos lança até um dinamismo criativo.

Em *Introdução à metafísica* (1903), considera o processo impulsivo que nos lança até a criação como uma identificação com a vida do mundo inteiro. Esta experiência havia sido abordada em *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1889), em relação a duas ordens de realidade: uma, homogênea, caracterizada pelo domínio da dimensão espacial como uma ordem quantitativa e múltipla; a outra, heterogênea, caracterizada por uma experiência do tempo como duração alcançada pela percepção das qualidades e pela indeterminação numérica. A primeira está conectada com a extensão e a exterioridade; a segunda, com a intensidade e a interioridade. De um lado, a ordem da continuidade, do outro, da sensação dos estratos profundos da consciência. Deste último, se desprende a intuição como um “elã vital” de uma sensação que vem acompanhada de um acontecimento diferencial. A

sensação é uma experiência da vibração do devir que não pode ser alcançada abstratamente. A transição é contínua, mas a vibração supõe um caminho de estado. O fundo do problema consiste em distinguir as presenças puras da duração e da extensão, encontrando as articulações do real ou as diferenças da natureza. A intuição do devir é uma experiência trágica, afirmativa do múltiplo e pensável como uma alegria dinâmica.

**IHU On-Line - E em que medida é possível aproximar o conceito de vida de Bergson com a vontade de potência nietzschiana?**

**Adrián Cangi** - Por comodidade, escolho somente um aspecto para responder esta pergunta. Bergson considera a idéia do possível como uma miragem do presente no passado. O possível é um falso problema porque não é mais que o real mesmo unido a um ato do espírito que expulsa a imagem no passado uma vez que se tem percebido. Nossos hábitos intelectuais são os que nos impedem de perceber. O atual está acompanhado pela imagem virtual de maneira inseparável e ambas caras compõem o real.

A noção da palavra virtual provém do latim medieval *virtualis*, no sentido de *virtus*, estritamente: força, potência. O virtual é aquele que existe em potência, e não o ato. O virtual tende a atualizar-se. O atual e o virtual são maneiras de ser diferentes. O virtual é como um complexo problemático, um nó de tendências das forças que acompanham uma situação, um acontecimento e que espera um processo de resolução: a atualização. A virtualização se pode definir como o movimento inverso da atualização. Movimento que consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma elevação da potencia da entidade considerada. A virtualidade não é uma desrealidade, mas uma mutação da identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado. A vida em Bergson é pura potência virtual, impulso vital ou movimento da duração que se diferencia. Este seria um plano de aproximação do movimento da vida em Bergson e a vontade de potência em Nietzsche.





INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

## Entrevista da semana

### Barragens: energia para quê e para quem?

ENTREVISTA COM MARCO ANTONIO TRIERVEILER

*A água e a energia não podem ser vistas como mercadorias e devem “estar a serviço e sob o controle do povo brasileiro”. A opinião é de Marco Antonio Trierveiler, coordenador do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Trierveiler lembra que o Brasil paga a quinta maior taxa de energia do mundo. Segundo ele, os custos de produção da energia elétrica ficam em torno de seis centavos por kw. No entanto, a população paga de 30 a 63 centavos por kw consumido.*

*Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, ele critica a construção de novas hidrelétricas e relata exemplos de populações atingidas pelas barragens. Trierveiler questiona também a produção de energia no País e pergunta: precisa ou falta energia para quê ou para quem? Quem se beneficia da energia? Se faltar energia, qual será a melhor forma (técnica) de produzi-la?*

*Outras entrevistas sobre a matriz energética nacional podem ser conferidas na edição 236, de 17-09-2007, intitulada Energia para quê e para quem? A matriz energética do Brasil em debate. A revista pode ser acessada através do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).*

**Eis a entrevista:**

**IHU On-Line - Quem lucra com a energia produzida no País?**

Marco Antonio Trierveiler - É importante dizer que 32 % de toda energia elétrica produzida no Brasil é utilizada pela chamada indústria pesada, ou ainda conhecida com indústria eletrointensiva (celulose, alumínio, ferro-gusa, minérios, petroquímica, cimento). Essas empresas, além de gastarem muita energia, geram poucos empregos, são muito poluidoras e produzem basicamente para exportação (com esta política, o Brasil voltou a condição semelhante ao modelo agroexportador superado após a crise de 1929, só que agora exporta minérios e produtos primários). Por esse motivo é que estas indústrias são

instaladas em países periféricos, pois elas procuram mão-de-obra barata, exploração dos recursos naturais e mercados consumidores. A riqueza e o desenvolvimento que geram é privado, ou seja, somente quem ganha são as próprias empresas.

Para ilustrar esta situação de geração de lucro, podemos pegar o exemplo de uma das barragens já construída, a Hidrelétrica de Barra Grande<sup>36</sup>. Esta usina teve um custo de 1,366 milhões de reais (mais de 770 milhões financiados pelo BNDES). Tem como donas a

<sup>36</sup> Usina Hidrelétrica de Barra Grande: foi construída entre os municípios Anita Garibaldi e Pinhal da Serra, no Rio Grande do Sul. (Nota da IHU On-Line)

ALCOA, a CPFL, a Votorantim, a Camargo Correa, a DME e a Companhia Brasileira do Alumínio-CBA, e produzirá anualmente 3.334.000 MWh, ao preço de R\$ 123,80/MW (preço da venda no leilão de energia), o que renderá anualmente R\$ 412.749,200,00. Assim, em pouco mais de três anos toda a obra estará paga. Como ela tem concessão de 30 anos e um custo de manutenção baixo, nos 27 anos restantes terá lucro limpo.

### ***IHU On-Line* - Em que sentido as populações ribeirinhas são mais influenciadas pelas hidrelétricas brasileiras?**

**Marco Antonio Trierveiler** - O Brasil e a maioria dos países do mundo vivem em sociedades capitalistas, nas quais poucos e grandes grupos econômicos dominam os setores da indústria, e buscam também controlar os recursos energéticos do planeta. Estes grupos, para expandir seus lucros, buscam a expansão da produção com aumento da exploração da mão-de-obra e com aumento à exploração das riquezas naturais e à exploração da natureza, causa da humanidade estar enfrentando uma crise ambiental sem precedência na história da humanidade.

Geralmente, as decisões de construir uma barragem são tomadas dentro dos escritórios dessas grandes empresas nacionais e internacionais. Eles decidem em que determinado local do rio existem condições técnicas (geralmente viabilidade financeira) para construir uma hidrelétrica. Tomada a decisão de construir, o povo e os recursos naturais existentes na região onde a obra será construída são “problemas” a serem resolvidos ou eliminados, para facilitar o andamento da construção.

### **Prejuízos**

Os agricultores, pescadores, sem-terra, posseiros, minerador, quilombolas, indígenas foram historicamente sendo “empurrados” para as terras ribeirinhas ao Rio e permaneceram ali como forma de resistência, mas

desassistidos de qualquer política pública. Com a construção de hidrelétricas, eles perdem a relação de vida e de sustento com o Rio, perdem suas terras, seu trabalho, sustento, dignidade e renda. Pescadores, pequenos comerciantes, dragueiros, balseiro, professores, puxadores do leite, pequenos transportadores também tem suas atividades paralisadas.

Antes de as obras serem construídas, começam os problemas como a falta de informações corretas; falta de incentivo dos bancos, que negam financiar as lavouras, pois as terras serão alagadas; o desânimo de fazer melhorias nas propriedades etc. Com a obra, surgem também novas doenças, prostituição e aumento da violência. Acirram as disputas pelas já precárias condições nas áreas da saúde, educação, moradia e de outras infra-estruturas básicas. Muitos devem perguntar se estes problemas não são “mitigados”. A resposta vem num exemplo: apesar dos efeitos serem sentidos por toda a região, poucos moradores são considerados “atingidos” pela obra. De cada 10 famílias, os dados demonstram que sete delas não são reconhecidas, e por causa disso não recebem nenhum tipo de indenização. As empresas só consideram atingidas aquelas pessoas que são deslocadas por causa do enchimento do lago e que possuem título de propriedade. Então, muitos moradores saem expulsos pela água, indo engrossar as favelas das cidades.

### ***IHU On-Line* - Quais são as conseqüências ambientais, para o ecossistema, de uma hidrelétrica?**

**Marco Antonio Trierveiler** - As barragens inundam terras extremamente férteis que abrigam ecossistemas diversos. Boa parte da fauna e da flora que vivem nessas áreas não conseguem sobreviver em outras regiões. As barragens trazem problemas para as “rotas migratórias” de muitos animais; causam alteração e piora na qualidade da água, pois há mudança na temperatura e na composição química.

Nos primeiros anos de uma barragem, a decomposição

da vegetação acarreta na redução do oxigênio na água e liberação de gases tóxicos. Estas alterações causam enormes prejuízos, causando a redução de peixes, proliferação de mosquitos e diminuição de espécies.

### ***IHU On-Line* - Como fica o abastecimento de água principalmente para a população mais pobre?**

**Marco Antonio Trierveiler** - Aqui, podemos citar pelo menos dois aspectos. O primeiro é que as barragens privatizam além da energia, também a água. Em muitos casos, as empresas cercam os lagos, dizendo o que pode ou não ser feito.

Temos como exemplo a barragem de Acauã-PB<sup>37</sup>. A população da região, na grande maioria camponeses, foi desalojada e deslocada para favelas rurais, onde não há terra para trabalhar, nem infra-estrutura básica (escola, água, saneamento básico, posto de saúde). Essas famílias disputam com os animais a água para tomar nos banhos. Após a inclusão da barragem, o acesso à água para a pesca, para o banho, para o gado beber e para a irrigação fica restrita à vontade das empresas.

Por mais estranho que pareça, a falta de água é um dos maiores problemas da população ribeirinha. O excesso das detonações durante a construção das barragens cria fissuras nas rochas, o que faz sumir as vertentes e secar nascentes de água.

No relatório da Comissão Mundial de Barragens - CMB<sup>38</sup> (World Commission on Dams-2000) -, há alguns dados interessantes. Por dois anos foram feitos estudos, que resultaram num relatório que apresentou critérios para construir barragens. O material diz que das 45.000

---

<sup>37</sup> **Barragem Acauã:** Está localizada no município Salgado de São Félix, em Pernambuco, sobre o Rio Paraíba. A barragem é responsável pelo abastecimento de d'água para a população de 15 municípios. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>38</sup> **Comissão Mundial de Barragens (CMB):** é uma instituição ligada a ONU, formada por integrantes de governos, instituições multilaterais, empresas construtoras de barragens, ambientalistas e movimentos de atingidos por barragens de todo o mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

grandes barragens construídas no mundo, dois terço delas estão em países ditos "pobres". Além disso, as informações revelam que as barragens atingiram diretamente 80 milhões de pessoas e degradaram e fragmentaram 60% dos cursos d'água. No Brasil, 34 mil km<sup>2</sup> (3,4 milhões de hectares) de terra foram alagadas pelos reservatórios, muitas delas terras férteis para agricultura.

### ***IHU On-Line* - Com que olhos o senhor vê a construção de usinas no Rio Madeira?**

**Marco Antonio Trierveiler** - Buscamos discutir o que tem por trás destas barragens que terá sua energia leiloadada agora no dia 30 de outubro de 2007, conforme anúncio do Ministério de Minas e Energia. Como disse inicialmente, os grandes grupos econômicos estão interessados em aumentar sua exploração na Amazônia e em toda América Latina (recursos naturais, energia, minérios, madeira, terra, biodiversidade - principalmente para indústria financeira). Para que essas indústrias possam se instalar no País, elas precisam criar uma rede de infra-estrutura básica (energia, portos, hidrovias, redes de transmissão de energia, estradas, ferrovias), o que possibilitará a elas transportar mercadorias para fora do país.

O complexo do Rio Madeira<sup>39</sup> estaria a serviço dessas empresas. Há dados de que, com a construção de uma hidrovia, o preço da soja que está sendo vendido para a China diminua em 30 dólares a tonelada, favorecendo principalmente os maiores plantadores do produto, a Família Maggi<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> No sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), podem ser conferidas notícias relacionadas ao assunto. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>40</sup> **Família Maggi:** A Amaggi Exportação e Importação foi fundada em 1977, é atualmente a empresa líder do Grupo André Maggi. A empresa atua nos estados de Mato Grosso, Rondônia e Amazonas. Atualmente, a Amaggi detém uma estrutura para comercializar, armazenar, processar, transportar e fomentar a produção de soja no Mato Grosso, através de recursos ou insumos. A empresa também importa e comercializa

Outra grande disputa que está sendo feita por grandes grupos econômicos como a Alstom<sup>41</sup>, da França e Voith-Siemens<sup>42</sup>, da Alemanha, é referente aos 28 bilhões de reais, valor estimado para a construção das obras.

Com base nesses dados, fica claro que este modelo econômico e energético exemplificado nas barragens do Rio Madeira<sup>43</sup> não trará desenvolvimento entendido como melhoria de vida da população local. Pelo contrário, aprofundará o abismo existente entre os ricos e pobres.

### ***IHU On-Line - Qual é a melhor forma de energia alternativa para as populações ribeirinhas, na opinião do MAB?***

**Marco Antonio Trierveiler** - Reforçamos que tão importante quanto debater quais são as melhores formas de produzir energia é discutir conjuntamente a necessidade de construir uma nova sociedade. O Brasil é muito rico em diversas fontes energéticas: solar, eólica, biomassa, hidráulica. A pior opção de energia é a atual, onde a hidroeletricidade é responsável por mais de 80% de toda energia elétrica produzida, ou seja, temos um

---

fertilizantes, e é responsável pela produção de sementes de soja. Assim a soja, o farelo e o óleo produzidos são exportados para a Austrália e países da Europa e Ásia. O governador do Mato Grosso Blairo Maggi (PR) é filho de André Maggi e controlador do Grupo Amaggi. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>41</sup> **Alstom:** No Brasil, a Alstom fornece equipamentos e serviços para usinas hidrelétricas e térmicas, respondendo por mais de 60% da capacidade instalada, através de projetos como Itaipu, Tucurí, Serra da Mesa, Itá, Igarapava. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>42</sup> **Voith-Siemens:** O Grupo Voith começou suas atividades como uma serralheria familiar em Heidenheim, no sul da Alemanha em 1867. Transformou-se numa das maiores corporações. No Brasil, sua história teve início em 1964, com a fundação da Voith S.A. Máquinas e Equipamentos, primeira unidade de produção do grupo instalada no continente Americano. O grupo construiu uma fábrica própria no Brasil, em função do imenso potencial hidráulico e florestal do País. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> No sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), na sessão *Notícias do Dia* podem ser conferidas entrevistas e notícias sobre o tema. (Nota da *IHU On-Line*)

modelo mono-gerador. Devemos aproveitar as outras fontes que possuímos. Os técnicos dessas áreas dizem que é necessário diminuir as perdas operacionais e técnicas. Para o padrão internacional, os níveis normais de perdas devem ficar em torno de 6%, e no Brasil temos 15% de perdas. Outra alternativa seria a repotencialização das usinas já existentes, ou seja, modernizar e melhorar o equipamentos e sistemas das barragens já existentes.

## Teologia Pública

### Para onde vamos? Os rumos da Teologia hoje

ENTREVISTA COM AFONSO MARIA LIGORIO SOARES

*A Teologia precisa “reinventar seu tradicional diálogo com as outras ciências em bases muito mais árduas”, afirma Afonso Maria Ligorio Soares, presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter). Segundo ele, a Teologia sempre esteve em diálogo com a ciência do seu tempo, mas a cibernética tem exigido que o discurso e a prática científica sejam recolocados em um novo patamar.*

*Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Soares aponta para a necessidade de construir “uma teologia pluralista não confessionalmente cristã, mas transreligiosa, pluri-religiosa, macro-ecumênica ou inter-faith”.*

*Afonso Maria Ligorio Soares é mestre em Teologia Fundamental, pela Universidade Gregoriana, de Roma, doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e pós-doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, é professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e é chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião.*

*Confira a entrevista:*

**IHU On-Line - Quais são os principais cenários que desafiam a reflexão teológica nesta época da pós-modernidade? Levando em conta a caminhada da Soter, quais são os horizontes que se destacam como importantes para o avanço teológico?**

Afonso Maria Ligorio Soares - Alguns cenários são evidentes e me parecem inevitáveis seus desdobramentos e implicações para a reflexão teológica. O primeiro destaque a ser feito é ao cada vez mais incontornável pluralismo religioso e cultural de nossos dias. O veio pluralista cresce entre religiões distintas e mesmo no interior de uma mesma tradição religiosa. O curioso é que tal fenômeno conviva bem com o rolo compressor do capitalismo globalizado, que nos faz desejar os mesmos

bens de consumo, criando uma supercultura cibernética que permeia os pluralismos (re-)emergentes.

Essa supercultura - e este é meu segundo destaque - recoloca em novo patamar o discurso e a prática científica, exigindo da teologia que reinvente seu tradicional diálogo com as outras ciências em bases muito mais árduas.

O terceiro destaque é a sustentabilidade integral; estamos hoje fabricando um planeta insuportável para nossos netos. E algumas decisões a serem tomadas agora são, literalmente, de vida ou morte para os seres vivos da Terra. Este é o tema - urgente - do próximo Congresso Nacional da Soter (julho 2008) e também do próximo Fórum Social em Belém (janeiro, 2009).

A reação das autoridades cristãs - especialmente, da



alta hierarquia católica - a esse novo quadro poderia caracterizar um quarto destaque: a igreja católica parece apostar num iminente naufrágio do presente estádio da sociedade ocidental e já antecipa o antídoto: nada de pensamento débil ou consensos construídos; é preciso retomar a unidade em torno de uma apresentação clara e firme da doutrina tradicional.

Nesse contexto, a tarefa teológica é delicada, mas, como sempre, necessária enquanto consciência crítica *ad extra* e *ad intra*. *Ad extra* porque lhe compete evidenciar sempre o quanto algumas realizações humanas podem contradizer e/ou manifestar o Evangelho; *ad intra* porque é sua missão instigar os cristãos a estarem sempre alerta contra fáceis acomodações às modas da vez.

**IHU On-Line - Fala-se hoje que a Teologia está numa época de exílio. Que perspectivas se apresentam?**

**Afonso Maria Ligorio Soares** - Há diversas estratégias de se passar pelo exílio. A mais perigosa e contraproducente é fingir que não há exílio e que a palavra teológica é ouvida e acatada. Mas há exílio!

E bem-vindo seja, pois a experiência de nos encontrarmos de novo no areópago, ouvidos por meia dúzia de curiosos e sendo alvo da zombaria dos novos poderosos, fará bem à nossa saúde teológica. O lema conciliar de dar atenção aos sinais dos tempos não é figura de linguagem. A Teologia é chamada a se redizer em categorias não mais gregas, sintonizada com um pensamento científico que passou pela crítica da filosofia da ciência, convocada a não ser omissa diante de questões urgentes, como as que citamos acima, e pronunciada por novos sujeitos (mulheres, negros, jovens) que, muitas vezes, nem serão cristãos.

**IHU On-Line - Considerando o pluralismo religioso, cultural e de valores vigente no atual contexto histórico, quais são as principais contribuições da Teologia e das igrejas para uma boa convivência humana em sociedade?**

**Afonso Maria Ligorio Soares** - A Teologia já fará muito se refletir criticamente sobre a tradição cristã à luz das contribuições oferecidas pelos novos sujeitos culturais. O desafio do Pluralismo Religioso provocou uma aproximação que já vem sendo chamada de Teologia Pluralista. Mesmo a Teologia Latino-americana da Libertação acabou cedendo em seu esquema social (pobres econômicos) e ampliou seu raio de preocupação para a cultura e as outras religiões do povo. Um dos saldos desse esforço é, por exemplo, a coleção "Pelos caminhos de Deus", editada pela ASETT, cujo 5º e último volume chama-se exatamente **Teologia mundial inter-faith do pluralismo religioso**.

**IHU On-Line - Como avalia o diálogo da Teologia com as outras ciências? Até que ponto a ela vem sendo capaz de assumir a transdisciplinaridade em sua metodologia?**

**Afonso Maria Ligorio Soares** - A Teologia sempre esteve em diálogo com a ciência de seu tempo. E, desde Santo Tomás<sup>44</sup>, essa intenção é explícita. Mas o diálogo sempre foi crítico.

Hoje não é diferente. Como sempre, há os casos de teólogos disfarçados de cientistas e cientistas em pele de teólogos. Para dialogar, é preciso ter claro o que é próprio de cada interlocutor. Um teólogo que não dialoga com a ciência de seu tempo nem teólogo é, mas precisará ter presente sempre que seu ponto de partida é místico, seu saber é sabedoria e, como tal, não se conforma à leitura científica.

Um exemplo recentíssimo desse esforço dialogal da parte da teologia é o que vem sendo chamado por alguns de nós de

---

<sup>44</sup> Tomás de Aquino (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da **IHU On-Line**)

“Teologia *inter-faith*” (entre-fés). Seria possível construirmos juntos uma teologia pluralista não confessionalmente cristã, mas transreligiosa, pluri-religiosa, macro-ecumênica ou *inter-faith*? É possível uma teologia “não-confessional”, fruto de uma nova epistemologia e de uma nova exploração do tema?

**IHU On-Line - Que leituras podemos fazer de situações como a notificação de Jon Sobrino, o resgate da missa em Latim? Qual a influência desses fatos no campo teológico?**

Afonso Maria Ligorio Soares - Bem, basta ver os cenários descritos acima e uma proposta como a citada “teologia *inter-faith*” para deduzir quais temores eclesiais subjazem às notificações vaticanas<sup>45</sup> e à ressuscitação do velho latim. Também é curioso que a notificação contra a cristologia de Sobrino<sup>46</sup> anteceda o lançamento mundial da cristologia do papa-teólogo.

---

<sup>45</sup> Segundo as *Notícias do Dia*, publicadas diariamente no sítio do IHU, o teólogo vietnamita, radicado nos EUA, Peter Phan está sendo investigado pelo Vaticano. Sobre o tema, leia *Por que o Peter Phan está sob investigação do Vaticano?* Publicado nas *Notícias do Dia* 21-09-2007. (Nota da IHU On-Line)

<sup>46</sup> **Jon Sobrino**: teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias do Dia*, bem

No entanto, o intelectual religioso não se impressiona muito com isso (à parte, é evidente, as dores e contratempos do jogo político aí embutido). Visões e versões não coincidentes acerca da interpretação da fé sempre existiram. O cristianismo nasceu plural e assim permanece até hoje. Mas, de tempos em tempos, os diferentes com menos poder costumam sofrer além do razoável com a intolerância de seus críticos. Por sorte, não é tão fácil, na sociedade atual, eliminar totalmente uma idéia mais ousada ou criativa.

**IHU On-Line - Qual é a sua apreciação da Teologia que permeia o Documento de Aparecida<sup>47</sup>? Que implicações isto tem para se pensar a presença da Igreja na realidade latino-americana?**

Afonso Maria Ligorio Soares - Talvez não haja grandes elogios a serem feitos à Teologia de Aparecida. O maior ganho foi não termos perdido algumas palavras-chave de nossa prática eclesial das últimas décadas (CEBs, pobres, inculturação). No entanto, é um documento feito - ao que parece - para não desagradar demais a ninguém. E isso é muito pouco para quem tinha diante de si o compromisso de vislumbrar a próxima década da América Latina, e animar a caminhada do povo de Deus em determinada direção. Todavia, o principal a ser destacado é que as melhores intuições de nossa igreja seguem valendo e não há por que esmorecer no testemunho a que somos chamados.

---

como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria *Teologia Pública*, escrita pela teóloga uruguaia Ana Maria Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. Formoso também publicou o artigo *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* na edição 29 dos *Cadernos Teologia Pública*. Além disso, a *IHU On-Line* produziu uma edição especial, intitulada *Teologia da Libertação*, no dia 02-4-2007. A edição 214 está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup> Sobre o tema, a *IHU On-Line* produziu uma edição especial em 18-06-2007. A revista, intitulada *Os rumos da Igreja a partir de Aparecida. Uma análise do documento final da V Conferência*, está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

## Filme da Semana

O FILME COMENTADO NESSA EDIÇÃO FOI VISTO POR ALGUM/A COLEGA DO IHU E ESTÁ EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS DE PORTO ALEGRE.

### Santiago

#### Ficha técnica

Nome: *Santiago*

Nome original: *Santiago*

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano produção: 2007

Gênero: Documentário

Classificação: livre

Direção: João Moreira Salles

**Sinopse:** Em 1993, João Moreira Salles tentou fazer um documentário sobre o antigo mordomo de sua família, o argentino Santiago Badariotti Merlo. Abandonou por 13 anos o projeto, concluindo-o somente em 2006. O trabalho discute não só a figura de Santiago, mas a do próprio cineasta, suas memórias e identidade.

## Salles usa mordomo como espelho e faz um ótimo filme sobre si mesmo

*O jornal Folha de S. Paulo, 24-08-2007, publicou o seguinte comentário do crítico de cinema Inácio de Araújo:*

Em *Santiago* existe um filme e, sobre ele, um outro filme. O primeiro diz respeito ao antigo mordomo da família Moreira Salles e foi feito em 1992 por João Moreira Salles.

Havia razão para o interesse por Santiago: de sua paixão pela aristocracia ao trabalho de copista, trata-se de um homem singular. No entanto, Salles não conseguiu dar forma à série de pensamentos e afetos comunicados pelo ex-empregado de sua família. Havia ali um passado que falava muito ao autor do filme, mas ao que parece não existia maneira de transformá-lo em um objeto estético, de montá-lo.

É apenas em 2007 que o filme fica pronto. Já não é mais - ou já não é apenas - um filme sobre Santiago, o mordomo, mas um extenso questionamento sobre o próprio autor e as razões que o levaram a filmar os locais que filmou e a pessoa que filmou, já que Santiago evoca a casa onde Salles passou sua infância e adolescência. O que mais se comenta, o que mais o próprio cineasta enfatiza a respeito deste filme é a “luta de classes” implícita no ato de alguém tomar como personagem seu próprio mordomo.

Não há razão para tanto, mas em quase todo o filme,

em preto-e-branco, Santiago aparece cercado por maçanetas, portas, objetos diversos. O enquadramento o oprime, assim como padrões podem oprimir a seus empregados. Mas não há luta de classes. Santiago é uma espécie de agregado da família.

Santiago é também uma espécie de memória auxiliar da família Moreira Salles, e é nessa medida que mais interessa a João. É como se este, partindo em busca do tempo perdido, precisasse de um apoio, do apoio desse memorioso capaz de não só lembrar das coisas, como de mitificá-las (a mansão de Walter Moreira Salles é, para ele, o duplo de um palácio florentino). Mas a memória pertence ao cineasta, a João.

#### Tempo para amadurecer

Não sendo um filme sobre Santiago, o mordomo, resta intacta a questão: por que tanto tempo para conseguir montá-lo? Algo se passou. A morte de Santiago, entre elas. Foi também o tempo de amadurecer a autocrítica, de admitir que, afinal, João Moreira Salles fazia um filme sobre si mesmo. E que se tratava de recuperar o seu

passado, e não o de Santiago, que vive num passado de que é despojado. Tanto que, no único momento em que Santiago se dispõe a dizer algo de realmente pessoal, o cineasta deixa a câmera desligada: não era Santiago, nem a estirpe de “malditos” a que diz pertencer que importam. O mordomo, afinal um agregado, era só o espelho.

Um filme tão íntimo, em que o documentarista busca a si próprio através de outro, por que deveria nos interessar? Em primeiro lugar, porque qualquer um de nós busca, também, o seu passado nos objetos, nas pessoas, espaços e construções que freqüentou. Em segundo lugar, porque é uma natureza do cinema que Salles nos dá a ver: a da montagem. Se a operação de filmar é um impulso, a segunda, de montagem, consiste em dar forma, ao articular as imagens. Articular a quê? Essa a questão que embatucou o documentarista por quase 15 anos. Que operação é essa? É a de entendimento, de articulação entre as imagens captadas e o passado a que se procura dar forma. Materializar o passado é a proeza que **Santiago** consegue executar.

## “O mordomo conta muito”

*José de Souza Martins, professor de sociologia da Faculdade de Filosofia da USP, sob o título “O mordomo conta muito”, publicou o seguinte artigo no jornal Valor, no dia 21-09-2007:*

Mais do que o mordomo que evoca momentos dos 30 anos em que serviu na casa da Gávea, da família Moreira Salles, Santiago é personagem dos bastidores de esplendor de uma época terminal da história da sociedade brasileira. Com mais de 80 anos, evocou para a câmera de João Moreira Salles lembranças de uma vida que não foi sua, como é próprio daqueles cuja biografia se desenrola na coadjuvância do servir. Vivia para os outros, para a família do “senhor embaixador”, como chama o banqueiro Walther Moreira Salles, que foi

embaixador em Washington por duas vezes e ministro do regime parlamentarista no governo João Goulart. João Moreira Salles, em **Santiago**, fez um documentário sobre a épica da subjetividade no âmbito propriamente fictício de uma história pessoal, a dimensão imaginária sem a qual o viver se torna impossível.

Há situações sociais e algumas profissões em que o imaginário rege mais forte as relações sociais do que em outras. São aquelas de papéis e funções sociais precisos,

quase teatrais, ou aquelas em que há momentos que devem ser socialmente teatrais. Nessas situações, quando o ator é ruim, o conjunto do desempenho é arruinado, a própria instituição em que se dá sai empobrecida na diminuição do seu simbolismo. Pessoas de diferentes condições sociais têm seu próprio aparato ficcional de referência, muito mais relativo ao que acham que a sociedade é do que àquilo que a sociedade efetivamente é.

Essas pessoas se revelam nesses acertos e deslizes, nesses encontros e desencontros entre o liturgicamente prescrito e o socialmente desempenhado. São esses encontros e desencontros que nos falam sobre a qualidade da socialização e da educação que aquela pessoa recebeu, sobre a qualidade do ajustamento de cada um e de todos às necessidades sociais e às funções sociais a que são chamadas a desempenhar. A sociedade não é um caos de improvisações. Ela é sobretudo a ordem dos desempenhos prescritos e das improvisações referidas a essa ordem subjacente na conduta de todos. Há improvisações desastrosas que transformam o drama em comédia, o sério em cômico. E, no extremo, há improvisações e repentes com estilo, arte e consciência, dos atores competentes, dos que expressam melhor do que ninguém o que uma sociedade é, dos que conservam e inovam ao mesmo tempo. Assim como há situações sociais documentais, as que melhor revelam o que uma sociedade é, há também pessoas documentais, aquelas cujo modo de ser, de pensar e de agir melhor documentam o que a sociedade é num determinado momento histórico, tanto por aquilo que tais pessoas têm e a sociedade parece não ter, quanto por aquilo que a sociedade nelas tem como manifestação-limite do que é.

Santiago é uma refinada expressão dessa última situação. Certa noite, os patrões saíram para um compromisso social e autorizaram o mordomo a fechar as portas, apagar as luzes e recolher-se. Num certo momento, João Salles, ainda menino, ouviu música num

salão da casa. Saiu de seu quarto e foi ver o que acontecia. Santiago, vestido com o fraque de servir nas grandes ocasiões, tocava piano. Surpreso, quis saber por que, naquela hora, estava vestido daquele jeito: “Porque é Beethoven, meu filho”.

É nesse sentido que a decisão de João Moreira Salles, de contar a história do mordomo de sua família, foi criativa e inspirada. Ele reconheceu, em primeiro plano, o rico e sofisticado imaginário do mordomo de sua casa, que o viu, e a seus irmãos, transformar-se de crianças em adultos. O filme é um documentário, mas o mundo de Santiago é um mundo de ficção. Ele imagina a casa dos Moreira Salles como o Palácio Pitti, de Florença, e os atende com a deferência de um sofisticado servo palaciano do Renascimento, o que se expressava nos seus arranjos florais.

O mundo dos mordomos tem sido objeto de verdadeiras obras de arte do cinema, como esta de João Salles. É inevitável lembrar-se de Steve, em *Vestígios do dia*, com a diferença enorme de que Steve não tinha a consciência histórica de Santiago. Steve é, literalmente, um prisioneiro da história, enquanto Santiago, mais do que prisioneiro, é um pesquisador e cronista da história das casas senhoriais de todo o mundo, da genealogia das pessoas gradas de todas as partes. No plano oposto, é inevitável lembrar do mordomo em *The servant* (*O criado*), de Robin Maugham, que era sobrinho do escritor Somerset Maugham. Robin baseou-se na experiência real de sua vida, quando estudante na Universidade de Cambridge e membro de Trinity Hall. Um caso dramático em que seu mordomo, no College, resolve explorar sua dependência pessoal para dominar sua casa e dominá-lo, privando-o da deferência do tratamento assimétrico, destituindo-o, em consequência, da expressão litúrgica de sua condição de membro da nobreza.

Depois de alguns anos de indecisão quanto a fazer a narrativa fílmica do imaginário de Santiago, João Salles conseguiu, finalmente, dar forma e conclusão ao filme.

Fez um documentário primoroso, não só pela extraordinária história do mordomo, argentino descendente de italianos do Piemonte, poliglota, homem culto, mas também porque deixou à mostra os andaimes de sua obra. Santiago, como João, na realização do filme, não consegue libertar-se da trama de regras de relacionamento social desnivelado, entre quem manda e quem obedece. É João Salles quem se dá conta dessa assimetria persistente.

No entanto, Santiago é o sutil senhor das notas de rodapé do filme. Num momento, ao descrever sua rotina,

diz com um sorriso levemente malicioso que era um verdadeiro escravo, mas não consegue esconder seu orgulho profissional de servir. Em dois ou três momentos, observa que as personagens de sua narrativa e de suas lembranças estão todas mortas. Desse modo, propõe-se não só como sobrevivente de uma história da vida privada. Propõe-se também como mordomo da própria história, aquele que nas casas senhoriais apagava as velas e, em silêncio, fechava as portas, cuidadosamente, antes de recolher-se.

## Destques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 17-09-2007 A 23-09-2007

### Refugiados palestinos no Brasil

**Karin Wapechowski e Luis Fernando Godinho Santos**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-09-2007

Karin Wapechowski, coordenadora do Projeto de Reassentamento Solidário da Associação Antonio Vieira - ASAV e Luis Fernando Godinho Santos, oficial de Informação Pública do Alto Comissariado das Nações Unidas, falam sobre o trabalho de acolhimento aos cem palestinos vítimas de violência provocada pela guerra no Iraque, que ficarão refugiados no Brasil.

### Em prol das sementes de vida

**Antonio Valmor Campos**

Confira nas *Notícias do Dia* 19-09-2007

Antonio Valmor Campos, biólogo e professor da Universidade Regional Integrada (URI), comenta a

alternativa encontrada pelos agricultores de Anchieta, Santa Catarina. Devido às dificuldades financeiras, eles passaram a investir na plantação de milho crioulo, resistindo às arbitrariedades das empresas sementeiras.

### Energia eólica: vantagens, desafios e eficiência

**Júlio César Passos**

Confira nas *Notícias do Dia* 20-09-2007

Para o professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Júlio César Passos, a Região Sul tem grande potencial para desenvolver novos parques eólicos para a geração de energia. Além de não agredir ao meio ambiente, a energia eólica poderá auxiliar na conservação e regulação de outras fontes energéticas, explicou o pesquisador.



**“Estamos em enfrentamento com o governo  
Requião”**

**Elaine Rodella**

Confira nas *Notícias do Dia* 21-09-2007

A sindicalista Elaine Rodella, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores e Servidores em Serviços Públicos da Saúde Pública e Previdência do Estado do Paraná

(Sindsaúde), lamenta o atrelamento do movimento sindical aos governos. Para ela, está ocorrendo um enfraquecimento desses movimentos, que, desde a década de 1990 perderam a capacidade e o interesse de combater o capital.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS *NOTÍCIAS DO DIA* DO SÍTIO DO IHU ([WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU))

**Menos carros, outra cidade**

**Oded Grajew**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-09-2007

Para o empresário Oded Grajew, a idéia do Dia Mundial Sem Carro pretende conscientizar a população. Segundo ele, ao priorizar o carro como meio de transporte, a qualidade de vida das pessoas diminui, pois elas perdem muito tempo no trânsito e contribuem para o aumento da poluição.

Mario Pianta comenta o relatório do Wuppertal Institut - “Por um futuro equânime. Conflitos em torno dos recursos e justiça global” -, organizado por Wolfgang Sachs e Tilman Santarius. O estudo discute o estado de saúde do planeta e questiona: é possível o encontro entre ecologia e justiça social? O artigo foi publicado no jornal italiano *Il Manifesto*, em 22-8-2007.

**O que é um miserável?**

**Vinicius Torres Freire**

Confira nas *Notícias do Dia* 20-09-2007

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 20-9-2007, o jornalista Vinicius Torres Freire comenta a pesquisa que aponta para a redução da miséria no País. Para ele, embora os números mostrem a queda da miséria, o cidadão aparece na estatística como pobre ou miserável.

**O que fazer para ser de esquerda no Chile?**

**Antonio Skármeta**

Confira nas *Notícias do Dia* 20-09-2007

O escritor chileno, Antonio Shármeta está decepcionado com o governo de Michelle Bachelet. Para ele, o país tem crescido economicamente, mas com fortes desigualdades sociais. A conjuntura chilena foi comentada por Skármeta, em artigo publicado no jornal *El País*, em 18-9-2007.

**É possível o encontro entre ecologia e justiça social?**

**Mario Pianta**

Confira nas *Notícias do Dia* 20-09-2007

## Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

### Bush amigo

“Daqui a alguns dias vou encontrar meu amigo Bush e vou dizer a ele: Bush, resolve o problema porque não vou deixar a crise atravessar o Atlântico e chegar ao Brasil” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 18-09-2007.

“De Madri, Lula volta a perturbar a geografia, com a repetição, agora enriquecida, do aviso de que vai “dizer ao amigo Bush [...] não vamos admitir que a crise [dos Estados Unidos] atravesse o Atlântico e venha nos perturbar”. É melhor não dizer. Se ela atravessar o Atlântico, não nos perturba. Vai bater na Europa” - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 18-09-2007.

### Parceria

“Eles (policiais militares do RJ) prestavam assessoria para o tráfico. Uma parceria intolerável. Eles cobravam para soltar traficantes presos, informavam os traficantes sobre as operações policiais e recebiam propina semanal” - **Mafran Vieira**, Procurador-geral de Justiça do Rio - *O Estado de S. Paulo*, 18-09-2007.

### Ponto.sem

“Depois da internet temos dois tipos de humanos: os ponto.com e os ponto sem. É a exclusão digital” - **José Simão**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 19-09-2007.

### Peru

“O Brasil é o último peru disponível (ao avaliar que o corte poderá gerar uma atração ainda maior de capitais para o País, porque aumenta a diferença entre os juros dos EUA e do Brasil)” - **Delfim Netto**, ex-ministro da Fazenda - *O Estado de S. Paulo*, 19-09-2007.

### CPMF

“Aqueles que acham que é simples acabar (com a CPMF) deveriam propor para depois de 2010” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 20-09-2007.

“Nenhum governo, nem do PT, nem do PMDB, nem do PSDB, nem do PFL, se viessem mais partidos novos, ninguém conseguiria governar sem a CPMF” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 20-09-2007.

“Quanto à CPMF, não me convenço de sua necessidade nem de que possa ter algum caráter positivo” - **Antonio Palocci**, deputado federal do PT-SP, em 1999 - *Folha de S. Paulo*, 24-09-2007.

### Desserviço

“A existência do Senado é um desserviço à democracia brasileira. É chegada a hora de discutir o fim do sistema bicameral do país” - **Rui Falcão**, advogado e jornalista, é deputado estadual pelo PT. Foi deputado federal, presidente do PT e secretário municipal de Governo de São Paulo (gestão Marta Suplicy) - *Folha de S. Paulo*, 20-09-2007.

### Imprensa

“Hoje (ontem) o Guido Mantega disse uma coisa que é verdadeira: se a gente quiser saber as coisas que o mundo pensa do Brasil, temos que ler a imprensa estrangeira.” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 21-09-2007.

### Socorro

“Presidente, socorre eu” - **Ângelo de Jesus**, Lavrador baiano de Pindobaçu caminhou 4 dias até Brasília e foi barrado no hall de elevadores do Planalto - *O Estado de S. Paulo*, 21-09-2007.

“Policial, você tem mãe? Eu não sou bandido. Pobre sofre muito” - **Ângelo de Jesus**, Lavrador baiano de Pindobaçu caminhou 4 dias até Brasília e foi barrado no hall de elevadores do Planalto - *O Estado de S. Paulo*, 21-09-2007.

“Ele queria era falar com o presidente pra ajudar toda essa gente que só faz sofrer” - um certo **João**

**de Santo Cristo**, da música “Faroeste Caboclo”, da Legião Urbana - *O Estado de S. Paulo*, 21-09-2007.

“Sei que Lula vai me agradecer muito. Ele não sabe que o dinheiro que manda para as cidades não chega lá” - **Ângelo de Jesus**, lavrador baiano que tentou invadir o Palácio do Planalto - *O Estado de S. Paulo*, 22-09-2007.

“Ficamos chateados com o que aconteceu e por isso fiz questão de recebê-lo. Abrimos o Planalto para tanta gente...” - **Gilberto Carvalho**, chefe de gabinete de Lula - *O Estado de S. Paulo*, 22-09-2007.

### Biocombustível

“Em vez de dez países produzindo petróleo, nós poderíamos ter 120 países produzindo biocombustíveis” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *The New York Times*, 23-09-2007.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

## Agenda de eventos

### **Dia 26-09-2007**

#### ***As paixões e os interesses - Albert Otto Hirschman (1915)***

Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia

Profa. Dra. Ana Maria Afonso Ferreira Bianchi

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

#### ***As paixões e os interesses: compreendendo o pensamento econômico de Albert Hirschman***

III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Profa. Dra. Ana Maria Afonso Ferreira Bianchi

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

### **Dia 27-09-2007**

#### ***A canonização dos açorianos***

Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura

Prof. Dr. José Hildebrando Dacanal

Horário: das 19h30min às 21h45min

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

#### ***Formação continuada na modalidade de grupos de estudos: uma possibilidade de resgate do professor como profissional e pessoa***

IHU Idéias

Profa. Dra. Flávia C. Mädche e Profa. MS. Maria Helena S. Enriconi

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

### **Dia 29-09-2007**

#### ***A tentativa socialista - Filme: Reds (Reds), de Warren Beatty***

Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema

Prof. Dr. José Alberto Baldissera

Horário: das 8h45min às 11h45min

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

## As paixões e os interesses - Albert Otto Hirschman (1915)

CICLO DE ESTUDOS FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA ECONOMIA

*O desenvolvimento é uma cadeia de desequilíbrios. Essa é a teoria do economista Albert Otto Hirschman (1915). De acordo com Ana Maria Bianchi, professora da USP, na concepção do economista “a principal fonte de desenvolvimento seria dada por atividades com alto potencial de gerar encadeamentos, sobretudo no sentido enviar estímulos para setores que forneciam os insumos requeridos por uma atividade qualquer”. Embora criticasse algumas atitudes dos governos latino-americanos, Hirschman era otimista quanto à possibilidade de crescimento desses países. Para aumentar o desenvolvimento e o crescimento em áreas como a saúde, educação pública e desigualdades sociais, a professora aconselha que “é necessário reconhecer os nossos progressos para identificar com mais precisão o muito que ainda nos falta”.*

*Ana Maria Bianchi é formada em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e mestre e doutora em Sociologia, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora da mesma Universidade. A professora é autora do livro A pré-história da economia: de Maquiavel a Adam Smith (São Paulo: Editora Hucitec, 1988. 167 p.).*

*Ana Maria Bianchi já participou de outros eventos no IHU, e publicou o Cadernos IHU número 35, intitulado Adam Smith: filósofo e economista. A professora estará presente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia. Ela abordará a obra As paixões e os interesses: argumentos políticos a favor do capitalismo (2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000), de Albert Otto Hirschman (1915). Na entrevista a seguir ela antecipa algumas questões que abordará no evento.*



# Qual o potencial econômico da América Latina? O pensamento de Albert Hirschman

ENTREVISTA COM ANA MARIA BIANCHI

**IHU On-Line** - Em que consistiu o trabalho de Hirschman sobre o desenvolvimento econômico na América Latina?

Ana Maria Bianchi - Albert Hirschman<sup>1</sup> é um dos pioneiros no campo da teoria do desenvolvimento. Começou a escrever sobre o assunto ainda durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto estava profissionalmente envolvido no programa de assistência aos países europeus devastados pela guerra. A principal novidade de sua abordagem é que ela define desenvolvimento como uma cadeia de desequilíbrios. Em sua concepção, a principal fonte de desenvolvimento seria dada por atividades com alto potencial de gerar encadeamentos (*linkages*), sobretudo no sentido enviar estímulos para setores que forneciam os insumos requeridos por uma atividade qualquer.

**IHU On-Line** - Como ele percebe os países latino-americanos?

Ana Maria Bianchi - Depois dessa experiência com o plano de reconstrução europeia, Hirschman veio morar

---

<sup>1</sup> Albert Hirschman (1915): economista alemão. Nasceu em Berlim e viveu nos Estados Unidos desde 1940. Lecionou em algumas das maiores instituições universitárias americanas, de Yale à Columbia University, de Harvard ao Institute for Advanced Studies de Princeton. É autor de uma obra muito vasta, da qual destacamos *As paixões e os interesses: argumentos políticos a favor do capitalismo* (2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000); *A economia como ciência moral e política* (São Paulo: Brasiliense, 1986); e *A moral secreta do economista* (São Paulo: Unesp, 2000). (Nota da IHU On-Line)

na Colômbia em 1952, como consultor indicado pelo Banco Mundial. Sua estada neste país e suas várias visitas subseqüentes a outros países latino-americanos foram cruciais para balizar sua percepção do processo de desenvolvimento. Como se sabe, a América Latina era, então, um continente predominantemente rural, com poucos países já industrializados, cuja população enfrentava condições sociais precárias. Mas Hirschman e sua família logo se adaptaram à Colômbia e fizeram muitos amigos, não só lá como em vários outros países da América Latina. É preciso acrescentar que a perspectiva geral de Hirschman era otimista quanto à possibilidade de crescimento econômico desses países.

**IHU On-Line** - Albert Hirschman disse que os países de industrialização tardia deveriam seguir um caminho original. Como a senhora define esse caminho? O Brasil, ao optar pela industrialização para alcançar o desenvolvimento, fez a escolha errada?

Ana Maria Bianchi - Não acho que se possa afirmar que o Brasil errou ao optar pela industrialização - mais precisamente, pela industrialização baseada em substituição de importações. Este era o caminho aberto, àquela altura. Os cepalinos também insistiram nesse ponto, e com razão, vendo esse tipo de industrialização como uma saída para a deterioração dos termos de troca no comércio internacional. Evidentemente, cada período histórico tem suas possibilidades, e esta era uma possibilidade aberta. Havia energia para tal e havia também financiamento externo.

**IHU On-Line** - Na trilogia de Albert Hirschman sobre

desenvolvimento econômico, quais são os aspectos mais relevantes?

**Ana Maria Bianchi** - A idéia de que o desenvolvimento industrial deveria proceder amplamente por meio de encadeamentos para trás era revolucionária, na época, pois implicava que um país que quisesse industrializar-se não deveria fazer as coisas da forma convencional. Ao contrário, o desenvolvimento industrial encontraria seu caminho nessa trajetória invertida, e a industrialização de setores líderes arrastaria atrás de si o resto da economia. Nesse sentido, Hirschman considera que haveria uma “virtude criativa” nas próprias tensões e nos próprios desequilíbrios criados pelo processo de desenvolvimento. Ao buscar soluções para esses gargalos, os países de industrialização tardia encontrariam seu próprio caminho.

**IHU On-Line** - Numa viagem ao Brasil, Hirschman disse que “toda vez que ocorrem mudanças no governo, os intelectuais consideram que está tudo errado e é necessário começar tudo de novo”. Essa observação explica o pouco crescimento e desenvolvimento do País?

**Ana Maria Bianchi** - Hirschman critica aquilo que chama de “fracasomania” como um traço cultural típico dos latino-americanos. O que quer dizer com isso? Que eles não levam em conta o alcance das mudanças que já estão em curso. Ele comenta que, sem dúvida alguma, a América Latina progrediu muito nas três décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, mas que não há a devida percepção disso. Da minha parte, também não concordo que tenha havido “pouco crescimento e desenvolvimento do País”. É só observar os números. Não se percebe que estamos no melhor dos mundos. Mas precisamos reconhecer os nossos progressos para identificar com mais precisão o muito que ainda nos falta, sobretudo em termos de combate à pobreza e à desigualdade e à educação pública.

**IHU On-Line** - Que propostas ele sugere para que os países da América Latina consigam alcançar o desenvolvimento?

**Ana Maria Bianchi** - Curiosamente, embora fosse um consultor econômico, Hirschman não era muito chegado a dar conselhos ou fazer prognósticos. Na verdade, ele achava que os países da América Latina deveriam encontrar seu próprio caminho, e de alguma maneira já estavam fazendo isso. Ele sustenta que sempre se interessou mais em ampliar a área do possível, ou do que pode acontecer, do que em prever, com base em raciocínio estatístico sobre o que iria ocorrer. Além disso, e talvez por causa disso, ele não acreditava em grandes planos de desenvolvimento. Acreditava mais em projetos isolados, que poderiam gerar os tais encadeamentos para outros setores da economia.

**IHU On-Line** - Qual é a importância de reintegrar a economia à ciência política? Essa é uma prática esquecida?

**Ana Maria Bianchi** - A ciência econômica, como se sabe, nasceu como economia política. A dimensão política estava, portanto, estreitamente associada a esse campo do conhecimento. Com a revolução marginalista, o adjetivo foi abandonado e a ciência econômica virou “economics”. Mas é evidente que a dimensão política é parte essencial de qualquer estudo econômico. Não só de qualquer estudo como, com mais razão ainda, de qualquer proposta de intervenção na realidade. Não é possível dizer, como se diz às vezes, que uma determinada política econômica está certa do ponto de vista técnico, e que se não deu bons resultados foi por causa dos políticos, que atrapalharam sua implementação. Já dizia Stuart Mill<sup>1</sup> que na passagem da teoria para a arte, o economista que é apenas economista é um péssimo economista!

---

<sup>1</sup> John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, foi defensor do utilitarismo. (Nota da *IHU On-Line*)

# Literatura e História: dois caminhos para contar a história do Rio Grande do Sul

CICLO DE ESTUDOS FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA ECONOMIA

*“A literatura é a arte e a arte é a parte da História”, diz o professor e jornalista José Hildebrando Dacanal, em entrevista à IHU On-Line por e-mail. Para ele, os romances históricos podem ter uma função crítica em relação à História oficial, mas geralmente eles acabam reforçando-a.*

*Sobre o livro Um quarto de légua em quadro, de Assis Brasil, Dacanal destaca a importância que a obra teve na década de 1970, quando foi publicada. Ele explica que Um quarto de légua em quadro foi fundamental para “inserir na tradição ficcional do Estado uma temática diversa da dominante: o espaço geográfico e antropológico da Campanha e da economia do pastoreio”. No panorama atual, ressalta o professor, “não há uma nova geração de ficcionistas que tenham a importância daquela de Assis Brasil”.*

*José Dacanal é graduado em Letras Clássicas e Vernáculas e Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dacanal é professor de Literatura aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na próxima quinta-feira, dia 27-9-2007, o professor estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do evento Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura, com a palestra A canonização dos açorianos. O evento está marcado para às 19h30min, na sala 1G119.*

**IHU On-Line - O senhor disse, certa vez, que a historiografia gaúcha não passa de um conjunto de obras de repetidores inconseqüentes e colecionadores de datas. Partindo dessa idéia, que mudanças seriam necessárias no campo da historiografia?**

José Hildebrando Dacanal - Eu disse isso por volta do final da década de 1970. De lá para cá, a situação mudou muito. Inclusive, porque foi então que dei início à famosa “Série Documenta”, na qual foram publicados duas dezenas de títulos importantes, alguns deles fundamentais. O que está faltando é uma grande síntese, com uma visão diacrônica e panorâmica. Infelizmente,

não acredito que no Rio Grande do Sul exista hoje alguém capaz de realizar tal trabalho. E isto por vários motivos, que não vêm aqui ao caso.

**IHU On-Line - Que relações são possíveis traçar entre literatura e história? Os romances históricos têm a função de fazer uma releitura crítica da história oficial?**

José Hildebrando Dacanal - A primeira relação é óbvia: literatura é arte e arte é parte da História. Os romances históricos podem, e às vezes até gerando equívocos, ter uma função crítica em relação à História

oficial. Mas, curiosamente, eles não raro reforçam a História oficial. Em um certo sentido, uma obra que em termos artísticos é genial, caso de *O tempo e o vento*<sup>1</sup>, cria, reforça e oficializa as lendas.

#### **IHU On-Line - Como o senhor avalia a formação étnica do Rio Grande do Sul? O que a imigração de diversos povos significou para o Estado?**

**José Hildebrando Dacanal** - A formação étnica do Rio Grande do Sul é óbvia: nativos, quase todos massacrados, africanos, que deixaram pouca herança, portugueses, que formaram a classe dirigente do passado, e várias etnias européias, que hoje formam a maioria e tomaram conta de tudo, inclusive dos CTGs<sup>2</sup>. Quanto ao que a imigração de diversos povos significou para o Estado, pode-se dizer que aqui, mais do que em qualquer outro, criou-se um *melting pot* étnico. Se não fosse a urbanização caótica, o brutal crescimento demográfico entre os miseráveis e os conseqüentes altos índices de criminalidade, o Rio Grande do Sul seria hoje uma espécie de segundo Chile.

#### **IHU On-Line - Qual é a participação dos luso-açorianos no desenvolvimento do Rio Grande do Sul?**

**José Hildebrando Dacanal** - Eu não sou um historiador. Evidentemente esta participação existiu. Mas a

---

<sup>1</sup> *O tempo e o vento*: Trilogia do escritor gaúcho Erico Verissimo. Dividido em *O Continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962), o romance representa a história do Rio Grande do Sul de 1680 até 1945, fim do Estado Novo. Foi comparado com a obra de Gabriel García Márquez, pelo crítico literário gaúcho Luís Augusto Fischer, na edição número 221, de 28 de maio de 2007, cujo tema de capa foi *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> O professor e jornalista Tau Golin concedeu entrevista ao sítio do IHU sobre o Manifesto contra o Tradicionalismo. A mesma foi publicada no dia 16 de abril de 2007, sob o título *O movimento tradicionalista em discussão: "A missa crioula é uma ode ao mundo estancieiro"* no sítio do IHU. A publicação está disponível em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

minha visão de *Um quarto de légua em quadro* é fundamentalmente literária, não entrando em questões históricas propriamente ditas em relação aos açorianos. Na palestra que ministrarei no IHU, comentarei a forma como esta questão é vista por um romancista em um momento histórico específico, isto é, a década de 1970, quando começava-se a perceber que o velho Rio Grande do Sul desaparecera para sempre nas brumas da História.

#### **IHU On-Line - Como o senhor percebeu o trabalho dos romancistas nessa época e nesse contexto? Eles foram fundamentais para reativar o Rio Grande do Sul na História?**

**José Hildebrando Dacanal** - O meu ponto de vista é o de leitor e/ou crítico literário. Sob este ângulo, *Um quarto de légua em quadro* tem um enredo extremamente bem montado, e é uma obra que possui relevância no contexto da ficção sul-rio-grandense na segunda metade do século XX. Do ponto de vista da importância que esta obra teve no momento em que foi publicada - tema sobre o qual versa minha palestra -, ela foi fundamental para inserir na tradição ficcional do Estado uma temática diversa da dominante: o espaço geográfico e antropológico da Campanha e da economia de pastoreio.

#### **IHU On-Line - É possível traçar um contraponto entre a visão de João Borges Fortes e Assis Brasil em relação aos açorianos?**

**José Hildebrando Dacanal** - Minha análise é apenas literária. Não li Borges Fortes<sup>3</sup>, ainda que possivelmente

---

<sup>3</sup> **João Borges Fortes**: Natural de São Gabriel, no interior do Rio Grande do Sul, foi general e historiador militar. Tem grande contribuição na História Militar Terrestre do Estado. Na edição número 235, intitulada *Temas da Atualidade - Algumas entrevistas da página eletrônica do IHU*, foi publicada uma entrevista sobre a visão de Borges Fortes sobre os açorianos, que também está disponível em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-line)

vênha a lê-lo, por uma questão de estudos genealógicos. Meu foco em relação a Assis Brasil<sup>1</sup> é: como ele *usa* a história dos açorianos em sua obra literária com um objetivo ideológico em um momento histórico específico.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia a maneira de contar a história dos açorianos, nas obras de Assis Brasil?**

**José Hildebrando Dacanal** - Veja, creio que fui eu o primeiro a escrever um artigo, em 1976 ou 77, sobre Assis Brasil ou, pelo menos, sobre *Um quarto de légua em quadro*. Na verdade, como toda arte, a ficção é parte do processo histórico. Nesse sentido, tanto Assis Brasil quanto seus pares de geração, refletem ou são produto de um período de intensas e rápidas mudanças históricas, período centrado na década de 1970. Da mesma forma, por exemplo, Pozenato<sup>2</sup> busca, pela mesma época, na

---

<sup>1</sup> Luiz Antônio de Assis Brasil (1945): Escritor gaúcho, natural de Porto Alegre. Doutor em Letras, é autor de romances que, em sua maioria, tem o Rio Grande do Sul com cenário. Foi violoncelista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Atualmente, integra o corpo docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde ministra a Oficina de Criação Literária. Também é membro fundador da Associação Cultural Acervo Literário de Érico Veríssimo. Entre seus livros, destacam-se: *Cães da Província* (1987); *Videiras de Cristal* (1990) e *Concerto Campestre* (1997). As duas últimas obras já foram adaptadas para o cinema. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> José Clemente Pozenato (1938): Gaúcho, de São Francisco de Paula, é bacharel em Filosofia, com pós-graduação em Literatura Brasileira e mestrado em Educação. É professor de literatura na Universidade de Caxias do Sul, onde foi pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional. É, também, membro da Academia Sul-

sociedade colonial imigrante clássica, o tema de suas obras, porque não podia, é óbvio, falar sobre seu passado sem centrar o foco sobre a história da imigração. Por outra parte, eu não diria que estes e outros ficcionistas recolocaram o Rio Grande do Sul na História. O que eles fizeram, na verdade, foi tomar como tema de suas obras outros elementos da formação histórica do Rio Grande do Sul que não fossem aqueles da pecuária e da sociedade gerada em torno dessa atividade econômica.

**IHU On-Line - Os escritores gaúchos atuais demonstram preocupações em recontar a história nas suas obras de ficção? Qual é a sua avaliação da literatura gaúcha atual?**

**José Hildebrando Dacanal** - Correndo o risco de desagradar a muitos, eu diria que o panorama atual da ficção no Rio Grande do Sul demonstra uma situação de pouca inventividade e de esgotamento temático. Mas isto não é exclusivo daqui. Contudo, creio que não há uma nova geração de ficcionistas que tenham a importância daquela de Assis Brasil.

---

Brasileira de Letras e da Academia Rio-grandense de Letras. Integrou o Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul e foi Secretário Municipal de Cultura, em Caxias do Sul. É autor de *O quatrilho* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997) adaptado para o cinema; *A cocanha* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000); e *O caso do martelo* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003), adaptado para a televisão (Nota da *IHU On-Line*)



## Perfil Popular

### Sônia Gomes Chaves

*A história de vida de Sônia Gomes Chaves, 49 anos, é emocionante e inspiradora. Ao relatar a sua trajetória, marcada por desafios e superações, ela não segurou as lágrimas, principalmente ao falar do pai e dos filhos, Thiago e Leandro, criados praticamente sozinhos por ela. Assim também ao falar da mãe, Terezinha, que está com 74 anos e tem uma disposição invejável. Por motivos de doença, Sônia não trabalha mais, e a saída que encontrou para complementar o benefício do INSS foi juntar latinhas e garrafas plásticas para vender. Confira, a seguir, a entrevista concedida à revista IHU On-Line, na casa de Sônia, em Canoas:*

**Origens** - Gaúcha, da capital, Sônia conheceu diversos bairros de Porto Alegre, enquanto morou na cidade, até os 19 anos. “Sempre que o aluguel da nossa casa aumentava, a gente se mudava.” Com 49 anos, Sônia é a mais velha de três filhos, duas mulheres e um homem. Ela conta que seu pai era taxista, e a mãe, dona-de-casa. “Quando o salário do meu pai já não era mais suficiente, a minha mãe começou a lavar roupas para fora. Até hoje, ela é lavadeira.”

**Infância** - Marcada pela humildade, a infância de Sônia lhe proporcionou momentos de diversão. “Como o pai não tinha condições de dar brinquedos para nós, eu e a minha irmã catávamos saquinhos de leite, para uma promoção que tinha, até nos riachos. Nós lavávamos e trocávamos os saquinhos por bolas ou bambolês.” Numa das mudanças, Sônia morou no bairro Caldre Fião, em Porto Alegre, perto da Rede Bandeirantes. Ela lembra que eram feitas promoções em que eram distribuídos canetas ou cadernos, para quem se dedicasse mais às



aulas. “Eu queria conhecer os homens do rádio, e conseguia boas notas boas no colégio, naquele mês, para ganhar os brindes.”

**Relação com pais e irmãos** - Da relação com os irmãos, Sônia tem boas recordações. “Como a minha mãe tinha muita roupa para lavar para fora, eu ajudei a criar o meu irmão mais novo.” No entanto, com o pai, o convívio foi marcado por decepções e desentendimentos. “Ele bebia, e eu achava que ele não precisava beber para trabalhar. Mas ele achava que trabalhava melhor quando estava bêbado. Eu queria trabalhar para ajudar em casa, porque via as coisas faltarem, e ele não deixava.”

**Datas marcantes** - Houve uma comemoração de ano novo que marcou bastante para Sônia. Ela lembra que todas as famílias já estavam preparando a janta, e nada de o seu pai ir para casa. “Ele chegou eram 23h50 com a lentilha e queria que ficasse pronta à meia-noite. Comecei a guardar mágoa dele, porque estavam todos



adiantando a ceia e ele chegou naquele horário e bêbado.” A casa em que Sônia morava com a família não tinha chuveiro, e o banho era tomado em uma bacia. “O pai pediu para eu colocar água na bacia para ele tomar banho. Em seguida, ele dormiu, nem viu a virada do ano.” O aniversário de 15 anos é outra data que passou em branco. “Meu pai não pôde me dar uma festa. Por isso, quero muito festejar os meus 50 anos. A única coisa que ganhei de 15 anos foi um tecido branco com morangos azuis, da minha avó. Minha tia me fez uma saia e uma blusa, e foi o meu presente.”

**Trabalho** - Sônia começou a trabalhar aos 19 anos, como balconista de uma loja de roupas, em Porto Alegre. “Fiquei lá por oito meses. Depois, a loja fechou. O irmão mais novo da minha mãe ia se casar e me convidou para ser madrinha. Como os meus patrões não tinham dinheiro para me pagar, eles me deram roupas. Foi assim que consegui um vestido para ser madrinha do casamento.” Passado um tempo, Sônia trabalhou em uma empresa de autopeças, e, com a morte do pai, parou para ficar com a mãe. “Depois, voltei a trabalhar e fiquei oito meses em uma fábrica de baldes. Por causa do trabalho, comecei a ter dores no braço direito e na coluna. Fui trabalhar na limpeza de uma transportadora, em Porto Alegre. Sentia dores novamente, mas, mesmo assim, ia trabalhar.” Há seis anos, ela cuidou de crianças, em sua casa. “Parei porque os vizinhos começaram a dizer que eu não tinha mesinhas para crianças, e que a fiscalização poderia bater à minha casa. Quando fui morar em Canoas, trabalhei de novo com limpeza, em Cachoeirinha, por um ano e três meses. Parei, porque, de novo, estourou a coluna e surgiu uma tendinite.”

**Ida para Canoas** - Sônia conta que seus avós cuidavam de uma chácara em Canoas, e, como o seu avô ficou doente, a sua avó chamou a mãe dela para ficar lá. “Meu pai continuou morando em Porto Alegre. Meu tio ganhou

umas casinhas em Guaíba, e a minha avó foi para lá. Eu, minha mãe e meus irmãos fomos morar no estacionamento da Ulbra, onde ficamos durante 15 anos.” Quando a sua avó faleceu, eles continuaram morando onde a ela morava. “A Ulbra pediu a casa, e, então, nós compramos um terreno aqui, no bairro São Vicente, em Canoas, e vai fazer 12 anos que moramos aqui.”

**Reciclagem** - “Começou como uma brincadeira, e já faz doze anos que eu trabalho com isso. Na época, o pai do meu segundo filho, o Leandro, ainda morava comigo, e resolvemos começar a juntar o material para vender.” Desde então, Sônia levou a sério o trabalho de juntar, amassar e separar latinhas e garrafas plásticas. “Trazia da praia e comecei a pedir latinhas e garrafas para as vizinhas. A minha mãe começou a fazer caminhada e dizia para as companheiras que eu estava juntando. Daí, todos os dias ela vinha com sacolinhas cheias.” Mesmo depois de separada, ela não deixou de juntar o material. “Quando eu não pego na rua, os vizinhos juntam para mim. As crianças que moram do lado da minha casa brigam para tocar uma garrafa para o meu pátio.” Sônia explica que, para ter um rendimento considerável, é preciso juntar latinhas e garrafas durante três meses. “Consigno cerca de R\$ 120,00. Na última vez que vendi, comprei passagens para os meus filhos e ainda paguei uma conta de R\$ 25,00.” Por causa da tendinite no braço direito, ela não trabalha fora e recebe um benefício INSS. Além de complementar a renda, a venda do material reciclável é uma terapia. “Se estou agoniada, eu vou amassar as garrafas e passa.”

**Filhos** - Aos 28 anos, Sônia foi mãe solteira. “Criei o Thiago, 21 anos, até os quatro anos, sozinha. Depois, o pai do Leandro, 15 anos, veio morar comigo. Tenho muito pelos meus filhos, e ciúme também, principalmente do mais velho que, aos 14 anos, foi

trabalhar para me ajudar.” Sônia ressalta que os filhos são tudo para ela. “Eles não gostam que eu junte garrafas, mas, faço isso mais por eles do que por mim.”

**Estudos** - Devido às mudanças, que dificultavam o acesso à escola, Sônia pôde estudar até a 4ª série. “Eu não era muito estudiosa, perdia o entusiasmo e deixava os estudos de lado.” Há dois anos, Sônia voltou a estudar, mas “como o Thiago estava no quartel e trazia as calças cheias de barro, eu tinha que lavar num dia para secar no outro. Às vezes, secava atrás da geladeira ou com o ferro. Por causa disso, estudei um ano e parei.”

**Mãe guerreira** - Terezinha é o maior espelho de Sônia. “Minha mãe é uma heroína. Ela está com 72 anos e ainda lava roupas para uma família de Porto Alegre. Como eles moram em apartamento, ela lava e passa as roupas mais grossas em casa e vai entregar para eles.” A vitalidade e a disposição da mãe impressionam Sônia. “Gostaria de chegar à idade dela, assim. Ela nunca esteve doente, uma vez fez um tratamento nos ouvidos, e melhorou. Para mim, ela é um exemplo de mulher.”

**Lazer** - Ficar em casa é uma das preferências de Sônia. “Adoro limpar a casa. E, como a mãe não sai, eu fico

com ela, assistindo televisão, mas também gosto da rua, de caminhar e conversar com as vizinhas.”

**Política brasileira** - Tamanhos são os escândalos que mancham o cenário político nacional que Sônia admite: “Vou ver quem são os candidatos no fim da propaganda. Desligo a televisão e o rádio, porque é muita tragédia.” Sobre segurança, sua visão também é negativa. “Meus filhos saem para trabalhar e estudar, e não sei se eles vão voltar para casa.”

**Religião** - Católica, mas não praticante. É assim que Sônia se define. “Vou à missa e acredito muito Naquele lá de cima.” Os pedidos de Sônia são de que Ele a ajude, dê forças e que não deixe sua mãe ficar doente. “Quando a gente tem fé, a gente tem esperança.”

**Momentos marcantes** - Mãe coruja e fã número 1 dos filhos, Sônia afirma: “O momento mais feliz da minha vida foi o nascimento dos meus filhos.” Apesar das mágoas, ela sente a falta do pai, que morreu por problemas com a bebida, quando ela estava com 21 anos. “Foi muito triste ter perdido ele. Cheguei perto do caixão e pedi perdão para ele, e ele também.”

## Sala de Leitura



“Estou lendo *El curioso incidente del perro a la medianoche*, de Mark Haddon (12. ed. Barcelona: Salamandra, 2006. 272p.). A morte de Wellington, o

cachorro de uma vizinha, desencadeia essa narrativa de ficção que tem como protagonista Christopher, um jovem de 15 anos morador de uma cidade do interior da Inglaterra. A busca por descobrir o assassino de Wellington se converte na descoberta de que o mundo adulto é muito menos seguro e ordenado que a racionalidade através da qual, desde seu quarto e da sala de aula, Christopher sabe explicar a teoria da relatividade, recitar os números primos até 7.507, localizar as capitais de todos os países do mundo ou, ainda, manter a um rato como animal de companhia. Divertida e questionadora, a obra tem a autoria de Mark Haddon, inglês de 42 anos, que é ilustrador, pintor, poeta e professor de escrita criativa. Haddon é autor de 15 livros infantis.”

**Denise Cogo é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos onde coordena o grupo de pesquisa Mídia e Multiculturalismo. Realiza, atualmente, pós-doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona, com o apoio da Capes e Unisinos.**



“Atualmente leio a obra *Pensamento Sistêmico: caderno de campo*, de Aurélio L. Andrade, Acyr Seleme, Luis Henrique Rodrigues e Rodrigo Souto (Editora Bookman, 2006, 488 páginas). Este livro aborda, de diferentes formas, a temática do Pensamento Sistêmico. Pela característica de ser um caderno de campo, contribui com exemplos e aplicações reais do Pensamento Sistêmico. Duas questões chamam a atenção no livro: a) sua organização; b) quantidade de contribuições de autores convidados. A organização feita por trilhas, torna a leitura menos cansativa do que em livros com quantidade de páginas similares. Além disso, torna rápida a absorção de conhecimentos para aqueles que se interessam por algum tema específico. A contribuição de diferentes autores é feita de forma apropriada. Não se trata de um conjunto de textos soltos, pelo contrário, traz profundidade nos temas específicos. Além disso, traz uma pluralidade de opiniões que torna a obra enriquecedora. O livro é indicado para os interessados em Pensamento Sistêmico em diversos níveis. A características das trilhas, contribui no sentido de haver dentro de um mesmo livro, diversos livros. Sem dúvida, é um texto para se ter na cabeceira.”

**Daniel Lacerda é mestre em Administração pela Unisinos e doutorando em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ. É professor na Graduação em Administração na Unisinos e na Especialização Lato Sensu em diversas Universidades. Possui publicações científicas nas áreas de Administração e de Engenharia de Produção e desenvolve projetos de pesquisa aplicada em diversas organizações. Atualmente, é Gerente de Desenvolvimento da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação.**

## IHU REPÓRTER

**Maura Corcini Lopes**

*Honestidade e solidariedade são valores definitivos para a professora Maura Corcini Lopes, 35 anos. Ao se deparar no final do magistério com uma aluna com deficiência auditiva incluída na escola comum e não saber se comunicar e nem trabalhar pedagogicamente com ela, a professora buscou olhar para a surdez de outras formas. Desse modo, Maura passou a olhar a diferença cultural e a inclusão social como alguns dos temas para a sua profissão. Confira, a seguir, a entrevista concedida por ela à revista IHU On-Line:*

**Origens e infância** - A família do meu pai é de São Leopoldo; e a da minha mãe, de Santiago. Até os 12 anos, morei no Morro do Espelho, em São Leopoldo. Lá, eu tinha um grupo de amigos com os quais convivia inventando brincadeiras e histórias. Brincávamos do final da aula até o início da noite. Era um grupo de meninos e meninas muito grande, e tínhamos a mesma idade. Nós saíamos do colégio e íamos para casa correndo, para assistir ao *Sítio do Pica-pau Amarelo* e brincar com os amigos.

**Pais** - Minha mãe se aposentou como costureira. Meu pai trabalhava em uma empresa de borracha e se aposentou muito cedo. Sempre fui muito próxima da minha mãe, que comprava todas as brigas e nos ensinava que tínhamos que assumir responsabilidades por tudo o que fazíamos. Embora tivesse uma relação de afeto com ambos, tinha e tenho uma amizade muito grande com ela.

**Valores** - Os valores mais pontuais que os meus pais me ensinaram foram solidariedade e honestidade. Por pior que fosse o que eu tivesse para contar, se eu falasse a verdade, eu tinha um encaminhamento; se eu mentisse,

e alguém descobrisse, era muito ruim. Não se admitia mentira.

**Relação com a irmã** - Em algumas fases da vida nas quais o irmão mais velho deve assumir a responsabilidade de sair com o irmão mais novo, fica difícil assumir a posição de ser mais velha. Eu tenho 35 anos, minha irmã é quatro anos mais nova do que eu. Quando éramos pequenas, havia horas maravilhosas, nas quais existia uma cumplicidade muito grande entre nós. Porém, a diferença de idade, por mais que hoje não faça diferença, naquela época fazia. Hoje, temos uma relação de amizade e de cumplicidade muito forte: sabemos que podemos contar uma com a outra.

**Estudos** - Aprendi a ler e a escrever com uma vizinha, que era um pouco mais velha. Quando brincávamos, eu sempre era a aluna; ela, a professora. Já entrei na escola alfabetizada, e, com isso, tive problemas de aprendizagem, porque eu era impaciente e desatenta. Sempre alcançava a média, mas nunca fui uma aluna estudiosa, durante os anos iniciais. Quando entrei para o Ensino Médio, onde cursei Magistério, e na graduação, mudei, neste sentido. Passei a gostar mais do que eu fazia e descobri um mundo de leituras, o que devo a um tio, que sempre me estimulou a ler.

**Separação** - Quando os meus pais se separaram, eu tinha 11 anos. Minha mãe decidiu ir morar próximo à família dela, e nós fomos embora para Santiago. Olhando para a minha experiência, posso dizer que foi muito bom ter sido criada por pais separados, e não por pais que mantivessem uma família, mas sem a devida estrutura e harmonia. Eu e minha irmã fomos morar com a nossa mãe. Meu pai continuou morando em São Leopoldo, e nós íamos passar férias com ele, assim como ele ia nos visitar. Não ficou nenhum trauma da separação.

**Santiago** - Em muitas coisas, eu tenho uma identificação maior com Santiago, porque passei toda a adolescência lá. Tenho muitos amigos que conquistei. No início, mudar de cidade não foi fácil, pois deixei em São Leopoldo muitas pessoas queridas e companheiras. Mas, como a minha família é grande e minha mãe conseguiu encaminhar bem a nossa mudança, consegui superar a fase inicial da mudança. Fiquei lá até os 17 anos, quando entrei para a universidade.

**Mudança para Santa Maria** - Durante a graduação, morei com duas amigas que também eram de Santiago. Aos 17 anos, eu estava longe de casa, com pouco dinheiro, e me achava muito importante por causa disso. Foi quando descobri que eu muito mais disciplinada do que eu imaginava. Eu era ré e juíza de mim mesma. Com isso, percebi que a educação que eu recebi estava fazendo efeito. Descobri que a liberdade não significa sair de casa, mas sim ter condições de fazer escolhas.

**Carreira** - Me formei em Educação Especial - Habilitação Em Deficientes da Audiocomunicação, na Universidade Federal de Santa Maria. Optei por esta área quando tive uma aluna deficiente auditiva, enquanto fazia o Magistério. Eu não sabia lidar com a minha aluna. Com isso, eu escolhi a educação de surdos. Consegui

olhar diferente para esta área, o que me despertou interesse em fazer mestrado. Mas, em Santa Maria, não havia professor nesta área dentro do Pós-Graduação. Durante mais um ano, morei lá e fiz a especialização em Educação Especial, além de trabalhar com aquisição de linguagem. Quando concluí a especialização, aos 21 anos, fiz seleção para o mestrado na UFRGS, passei e me mudei para Porto Alegre. No ano em que terminei o mestrado, entrei no doutorado, também na linha de Educação Especial. Fiz o doutorado em quatro anos, e já trabalhava na Unisinos.

**Trabalho** - Aos 18 anos, eu comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil, na qual eu ajudava a cuidar das crianças. Além disso, eu e um grupo de amigas da universidade trabalhávamos para uma empresa de festas infantis. Aos finais de semana, éramos recreacionistas e ganhávamos dinheiro suficiente para as necessidades que tínhamos na época.

**Unisinos** - No primeiro ano de doutorado, fiz seleção na Unisinos, onde ingressei em fevereiro de 1998, no curso de Pedagogia. A Unisinos me forneceu uma bolsa de 20 horas para que eu concluísse o doutorado. Eu tive que aprender a ser diferente, porque tinha um compromisso com a universidade que era concluir o meu curso em dois anos. Acompanhei a universidade em momentos distintos. Fiz parte do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), como assessora pedagógica no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. Em alguns momentos, participei do Planejamento Estratégico da Universidade. Era um compromisso de fazer mudanças na universidade. Nós pensávamos, ouvíamos as pessoas para poder discutir o encaminhamento dessas mudanças. Esse é um processo lento, e ainda está em andamento.